



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
DISCIPLINA: TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

ANDERSON TSUKIYAMA

**A CONSTRUÇÃO DO IDEAL DA CAVALARIA INGLESA NOS SÉCULOS XIII  
E XV ATRAVÉS DAS ARTES MARCIAIS**

FLORIANÓPOLIS

2015

ANDERSON TSUKIYAMA

**A CONSTRUÇÃO DO IDEAL DA CAVALARIA INGLESA NOS SÉCULOS XIII  
E XV ATRAVÉS DAS ARTES MARCIAIS**

Trabalho de conclusão de curso referente ao curso de graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientadora:

Prof<sup>a</sup> Dra. Aline Dias da Silveira

FLORIANÓPOLIS

2015



ATA DE DEFESA DE TCC

Aos oito dias do mês de julho do ano de dois mil e quinze, às dezoito horas e trinta minutos, na sala dez do Departamento de História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pela Professora **Aline Dias da Silveira**, Orientadora e Presidente, Professor **Rodrigo Prates de Andrade**, Titular da Banca, e Professora **Elisa Paula Marques**, Suplente, designadas pela Portaria nº 82/TCC/HST/14 do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de argüirem o Trabalho de Conclusão de Curso do acadêmico **Anderson Tsukiyama**, subordinado ao título: "A construção do ideal da cavalaria inglesa nos séculos XIII e XV através das artes marciais". Aberta a Sessão pela Senhora Presidente, o acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi arguido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo o candidato recebido da Professora **Aline Dias da Silveira**, a nota final 8, do Professor **Rodrigo Prates de Andrade**, a nota final 7, e da Professora **Elisa Paula Marques**, a nota final 7,5; sendo aprovado com a nota final ..... O acadêmico deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital ao Departamento de História até o dia dezesseis de julho de dois mil e quinze. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo candidato.

Florianópolis, 8 de julho de 2015.

Banca Examinadora:

Prof. **Aline Dias da Silveira**

*Aline Dias da Silveira*

Prof. **Rodrigo Prates de Andrade**

*Rodrigo Prates de Andrade*

Prof. **Elisa Paula Marques**

*Elisa Paula Marques*

Candidato **Anderson Tsukiyama**

*Anderson Tsukiyama*

**DEDICATÓRIA**

Aos membros do SCAM e amigos, sem os quais eu não teria conseguido progredir nesta pesquisa.

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a minha orientadora, professora Aline Dias da Silveira, essencial para que eu pudesse executar este trabalho, pelas palavras diretas e necessárias, além de toda a dedicação e paciência, para me preparar para os desafios que ainda estão por vir. Aos amigos que encontrei durante a graduação, como Leonardo Remor, Andreas, Isabela, João e Stephanie. A Samanta por ter tido paciência em me ajudar com as normas técnicas, além de outros que resultariam em muitos agradecimentos neste pequeno espaço.

À minha família fica meu maior agradecimento, por apoiar incondicionalmente alguém que optou por mudar a sua área de atuação, compreendendo que foi uma escolha feita por uma grande afinidade com a história. Mesmo com as dificuldades que tive pelo caminho, meus pais, Jorge Issao Tsukiyama e Adélia Tsukiyama estiveram sempre ao meu lado, assim como minha irmã Joselayne e meu cunhado César.

Gostaria de agradecer ao enorme amor de minha namorada, Aline Martins Machado, meu porto seguro, por ter tido a grande paciência em compreender as minhas dificuldades, inclusive lendo meu texto e me passando as correções necessárias.

Por fim, agradecer a todos os membros do SCAM, que eram ao mesmo tempo amigos, colegas de pesquisa e campo de experimentação, sem os quais eu não teria conseguido gerar as informações que apresento neste trabalho.

## RESUMO

Neste TCC, iremos falar como a figura do cavaleiro medieval sofreu alterações no decorrer de sua existência, onde abordaremos um personagem histórico, Guilherme Marechal e sua trajetória dentro do meio cavaleiresco, ao mesmo tempo em que observaremos como era o ambiente da cavalaria, as dificuldades que os afligiam e, principalmente, como a ética cavaleiresca tinha que resolver problemas práticos, como os recursos necessários para a sobrevivência do cavaleiro.

No capítulo três, falamos sobre os nuances na cavalaria, além do cavaleiro citado nos romances, falando dos cavaleiros domésticos e os mercenários. Mesmo servindo por motivos diferentes, todos eles estavam ligados pela fidelidade ao seu senhor e o seu modo de lutar necessitava que eles estivessem juntos e organizados. Também falaremos da evolução do equipamento e de suas mudanças, mostrando que já no século XIII ele fornecia grande superioridade técnica, criando as condições para que a coragem e a bravura florescessem. Abordaremos como os centros de produção italianos e germânicos forneciam equipamentos utilizados pelos cavaleiros ingleses.

Iremos falar das diferenças entre o século XIII e XV no quarto capítulo, começando pelos treinamentos de escudeiros e cavaleiros e, na busca pela técnica que eles utilizavam abordaremos o manuscrito Ms I.33, um dos poucos textos que falam sobre técnicas da espada no Século XIII, que também é um período onde aumentam a quantidade de torneios, locais onde os cavaleiros poderiam aplicar de forma praticamente real, aquilo que treinavam durante toda a vida. Dentro dos torneios, o código de cavalaria era aplicado, aos menos em teoria, entre a cavaleiros. À medida que a cavalaria foi perdendo sua importância nas batalhas medievais (nunca totalmente, pois como Justice (2012, p. 79) informa, várias batalhas foram decididas pelo uso eficiente da cavalaria), começaram a se dedicar mais aos torneios. Eles continuaram a fazer grande sucesso até o final do Século XV, ainda estimulados pelo sucesso da literatura cavaleiresca.

## ABSTRACT

In this text, we will say how the medieval knight's figure has changed in the course of its existence, where we will cover a historical figure, William Marshal and his career within the chivalrous, at the same time that we will observe how was the cavalry's environment, the difficulties the afflicted them and specially how the chivalrous ethics had to solve practical problems, as the necessary resources for the knight's survival.

In chapter three, we talk about the nuances in the cavalry, despite besides the mentioned knight in novels, speaking about the household knights and mercenaries. Even serving for different reasons, all of them were connected by loyalty to his master and his way of fighting needed they were together and organized. We'll also talk about the evolution of the equipment and its changes, showing that already in the XIII century it provided great technical superiority, creating the conditions for the courage and bravery flourish. We'll discuss how the Italian's and Germanic's production centers provided equipment used by English knights.

We will talk about the differences between the XIII and XV century in the fourth chapter, beginning with the squire's and knight's training in the search for technique they used. We'll discuss the manuscript Ms I.33, one of the few texts that talk about swords skills in century XIII, which is also a period where increase the amount of tournaments, where knights could apply virtually in a real way, what they trained all their life. Within the tournaments, chivalry code was applied, at least in theory, between the knights. As the chivalry was losing its importance in medieval battles (never fully because as Jestice (2012, p. 79) reports, several battles were decided by the efficient use of cavalry), they began to devote more at tournaments. They continued to hit by the end of the XV century, still encouraged by the success of chivalric literature.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	8
<b>2. CAPÍTULO I: TECENDO O CONTEXTO</b> .....	13
<b>2.1. CAVALEIROS E CAVALARIA</b> .....	13
<b>2.2. O CONTEXTO A PARTIR DE UMA BIOGRAFIA: GUILHERME MARECHAL, “O MELHOR CAVALEIRO DO MUNDO”</b> .....	15
<b>3. CAPÍTULO II- Metodologia e os Diversos Tipos de Cavaleiros</b> .....	26
<b>3. 1. O MÉTODO COMPARATIVO</b> .....	26
<b>3.2. DIVERSOS TIPOS DE CAVALEIROS E SUAS ARMAS</b> .....	27
<b>3.2.1. O cavaleiro doméstico</b> .....	27
<b>3.2.2. Cavaleiro mercenário</b> .....	28
<b>3.2.3. O Cavaleiro de torneios</b> .....	29
<b>3. 3. ARMAS E ARMADURAS</b> .....	29
<b>4. CAPÍTULO III: MUDANÇAS NO IDEAL DA CAVALARIA: RESPONDENDO PERGUNTAS</b> .....	51
<b>4.1. DIFERENÇAS ENTRE O SÉCULO XIII E O XV</b> .....	51
<b>4.1.1. Treinamentos</b> .....	51
<b>4.1.2. O mais antigo manual de esgrima medieval conhecido, o I.33</b> .....	51
<b>4.1.3. O escudeiro no Século XIII</b> .....	59
<b>4.1.4. O treinamento para cavaleiro no Século XV</b> .....	61
<b>4.2. GUERRAS E TORNEIOS: O MODO DE VIDA CAVALHEIRESCO</b> .....	59
<b>4.2.1. Guerras medievais</b> .....	59
<b>4.2.2. Os torneios medievais</b> .....	61
<b>4.2.3 Ideal de Cavalaria: característica marcante da Idade Média na Inglaterra</b> ..	63
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	71
<b>6. REFERÊNCIAS</b> .....	72

## 1. INTRODUÇÃO

Em 2002, surgiu na UFSC um grupo de estudos medievais com enfoque nas artes marciais. Embora a maior parte das pessoas pense nas artes marciais como sendo algo de origem oriental, o termo está ligado a Marte, Deus da Guerra. Logo o termo “arte marcial” pode ser utilizado tanto para as práticas de combate ocidental, como oriental.

O período entre o século XIII e XV despertou o interesse do grupo SCAM, por possuir equipamentos com grande funcionalidade, particularmente os conjuntos de armadura do século XIV, que demonstraram um grande equilíbrio entre mobilidade e proteção, permitindo a prática da esgrima histórica utilizando equipamentos empregados já naquela época. Ao pesquisar fontes para estudo, foram encontrados vários manuais de esgrima medieval, entre eles o Royal Armouries Ms. I.33 redigido no século XIII (atualmente no acervo do museu da Torre de Londres), assim como outros manuscritos do século XV, também chamados de livros de esgrima, “*Fencing manual (ou Fechtbuch)*” (CLEMENTS; JOHN, 1998, p. 14). Estas obras são muito detalhadas, com figuras que demonstram a vestimenta, técnicas e equipamentos utilizados pelo cavaleiro dos períodos retratados.

Além de estudar as técnicas com as armas, o SCAM pesquisou sobre as armaduras medievais, reconstruindo estes equipamentos para a prática marcial e esportiva. Para cada item, o grupo sempre busca ao menos três fontes históricas. Estas podem ser peças preservadas em museus, iluminuras ou efígies, estátuas mortuárias que retratam os cavaleiros com os seus equipamentos. Todas elas apresentam elementos importantes que proporcionam uma acuidade histórica na reconstrução da peça e, somada à necessidade de funcionalidade para a prática do combate medieval, permite que consigamos nos aproximar do que provavelmente seria o seu funcionamento na Idade Média. Atualmente o grupo já fabricou mais de 400 artefatos, desde elmos a conjuntos completos de armaduras, além de espadas e arcos que são utilizados em suas práticas. Além disso, os cavaleiros medievais são foco da pesquisa do grupo, que busca praticar as suas artes de luta.

O tema é complexo e interessante, mas infelizmente a barreira da língua e outras limitações nos impediram de ir além da cavalaria inglesa. Nesta jornada, todo livro com a palavra cavaleiro ou knight era sempre alvo de interesse. Em uma destas buscas encontramos este interessante texto, que segue abaixo:

“Mesmo após vários séculos desde que os cavaleiros medievais lutaram na Europa, eles ainda continuam a intrigar. Em todo o mundo, crianças constroem castelos de areia e

brincam com espadas de plástico. Adultos recriam batalhas medievais e reconstróem armas e armaduras de outros tempos. Em algum lugar do imaginário, um guerreiro corajoso, absolutamente leal ao seu senhor, gentil com as mulheres e os fracos, mas implacável com seus inimigos, aparece em vídeo games, filmes e logos esportivos” (BOUCHARD, 2010 p. 10).

Esta imagem idealizada instiga a curiosidade de muitas pessoas, que buscam saber mais sobre a Idade Média. O que os motivava? Quais eram seus ideais? Como as mudanças no mundo a sua volta modificaram o que eles buscavam? Procurando respostas as estas perguntas, estudaremos as principais mudanças que ocorreram na mentalidade da cavalaria, sua forma de combater e como interagiam com a sociedade, através de suas artes marciais, técnicas e equipamentos.

Conforme estudamos, vemos que o Cavaleiro Medieval não era apenas aquele que combatia a cavalo, além dos requisitos de nascimento, mas sua posição era tão vinculada ao seu equipamento (espada, escudo, armadura, lança etc), que mesmo guerreiros com capacidade e boa habilidade marcial nunca atingiam este grau se não possuíssem estes equipamentos. Precisamos considerar que o equipamento era responsabilidade do próprio cavaleiro, o que os distinguiam também em função de seu grupo dentro da própria aristocracia, que nunca foi homogênea, como mostra o texto de George Duby (1988, p.8), em seu livro “A Sociedade Cavaleiresca”:

Todavia, por volta de 1150, começamos a ver alguns deles se distinguirem por um qualificativo especial: ostentam o título de cavaleiro (...) estes *milities* constituem uma aristocracia que se reforça, mantendo-se sempre muito abaixo da elite das famílias <<nobres>> (...).

Porém, vemos que estas posições mudam, conforme texto do livro anteriormente citado:

Por volta de 1280, deixou de se fazer, nas listas de testemunhas, a distinção entre nobres e cavaleiros, os cavaleiros passaram a estar à parte de todos os outros e (...) o nobre não cavaleiro tinha que ficar atrás dos cavaleiros não nobres (...) hereditária, uma vez que os filhos do cavaleiro dela gozavam, mesmo que não fossem armados, esta isenção consumou, na segunda metade do Século XIII, a constituição do grupo dos cavaleiros como verdadeira nobreza. Contudo, os <<nobres>> da velha raça zelaram ciosamente ainda durante várias gerações por não se misturarem com eles. Só nos primeiros anos do Século XIV as alianças matrimoniais e a extensão a todos

os cavaleiros do título de <<nobre homem>> acabaram por confundir os dois grupos. (DUBY, 1988, p. 9).

Para que o cavaleiro medieval pudesse existir, era necessária toda uma estrutura que o equipasse e o auxiliasse na função guerreira, como diz Rezende Filho (1989, p. 76) em seu livro: “Guerra e guerreiros na Idade Média”:

(...) o custo econômico que implica ser um cavaleiro couraçado não é nada baixo; as rendas do feudo devem ser suficientes para a manutenção de vários cavalos de batalha, para proporcionar a aquisição e o reparo constante de armas e de armaduras de metal, para sustentar os auxiliares indispensáveis (ferreiros, cavaliços, escudeiros, infantes pesados), e também para suprir as necessidades do cavaleiro, de sua família e de seus agregados.

Jean Fiori (2004) falou em seu livro “A Cavalaria: a origem dos nobres guerreiros da Idade Média” como o conceito de cavalaria surge, é apropriado pela nobreza e depois utilizado para seu próprio uso. O autor também traça as modificações da cavalaria. Escolhemos o século XIII, pois já temos o conceito de cavalaria difundido pela Europa, diferente do século X, no qual, segundo o autor, ainda se questiona se o termo “Cavaleiro” já se aplicava ou não.

Também temos uma data de início do que podemos chamar de “Cavalaria” na Inglaterra: a Batalha de Hastings, ocorrida em 1066, eternizada no “Bordado de Bayeux”. Conforme iremos detalhar no texto, o normando Guilherme, o Conquistador, traz consigo em sua hoste uma cavalaria pesada, unidade que o rei inglês Haroldo não possui. A cavalaria normanda possui papel importante na batalha, ajudando Guilherme a conquistar a Inglaterra. Também inova no uso da lança, que fica apoiada debaixo do braço, com a ponta direcionada à frente da carga. Isto somado a velocidade do cavalo, torna o ataque devastador contra unidades à pé. Segundo Barthélemy (2010, p. 232):

(...) o novo soberano preserva as estruturas jurídicas utilizadas pelos Anglo-saxões, ao mesmo tempo em que divide os feudos entre os seus aliados normandos, através da vassalagem direta (os novos beneficiários deviam prestar juramento diretamente ao novo soberano, Guilherme). Como esta nobreza guerreira provém da França (incluindo o seu modo de lutar) (...).

O que nos permite termos, então, um modo razoavelmente homogêneo para a criação desta cavalaria. O autor ainda traça uma origem germânica da Cavalaria, mostrando os aspectos que contribuíram para a construção do conceito que irá ser revisitado por cavaleiros e nobres durante a Idade Média (BARTHÉLEMY, 2010, p. 233).

Temos também a obra do historiador Georges Duby, que escreveu sobre Guilherme Marechal, um cavaleiro que viveu naquele período e que atingiu grande prestígio dentro da cavalaria, chegando a ser guardião do rei Henrique III. Sua obra é detalhada e como ele mesmo diz, busca extrair “o que se conta da cultura dos cavaleiros...tentando ver o mundo como eles o viam” (DUBY, 1988, p. 55). Assim podemos tecer uma hipótese, através da história de Marechal, de como viviam os cavaleiros da Inglaterra no Século XIII.

Usando um ponto de vista marcial, é neste século que foi escrito o mais antigo manual de esgrima medieval, o MS I.33(seu foco é na espada e escudo, o único tratado medieval que encontramos falando sobre esses itens); e finalmente, sob um ponto de vista militar, ao acompanharmos a evolução do equipamento não só dos cavaleiros medievais, como dos guerreiros da Inglaterra, podemos observar que existiram poucas mudanças no equipamento do período pós dominação romana (Século V), até o Século XII (ou seja, durante mais de 500 anos), ocorrendo o aumento do comprimento das proteções, mas a cota de malha (uma malha feita através do trançado de anéis metálicos) era o melhor item que se poderia encontrar até então (EDGE, 1988, p. 57). Todavia, a partir de 1250, há modificações no equipamento dos guerreiros, primeiro com a adição de proteções de couro cozido nos joelhos e tórax, sendo substituídas gradativamente por placas de aço, até chegarmos, já no começo do Século XV, ao guerreiro em arnês completo, revestido totalmente por chapas de aço articuladas (EDGE, 1988, p. 100). Existiu uma grande mudança em um curto período (cerca de 150 anos).

Avançaremos até o Século XV, período onde a Guerra dos Cem Anos se encerra com a derrota da Inglaterra para a França, com acontecimentos que influenciariam fortemente a cavalaria, com o aumento de tropas mercenárias e aquela perdendo cada vez mais seu posto de importância dentro do exército.

Finalmente, faremos um estudo comparativo, buscando as diferenças entre os Séculos XIII e XV nos seus treinamentos e equipamentos, como as guerras e torneios afetavam suas vidas e como o ideal de cavalaria foi construído neste período.

## 2. CAPÍTULO I: TECENDO O CONTEXTO

### 2.1. CAVALEIROS E CAVALARIA

Desde o início do Século XII, já era perceptível a transformação do guerreiro em cavaleiro, pela difusão de uma nova imagem. Esta mudança foi bem expressada por Rezende Filho (1989, p. 77):

A figura do cavaleiro couraçado, personagem fundamental da ordem feudal, sofreu, com o correr dos séculos, uma deturpação radical, que culminou por apresentá-lo como um homem altruísta, sempre pronto a bater-se em prol dos fracos e oprimidos, como a essência mesma do cavaleiro cristão, imbuído dos mais altos ideais de honra. Até mesmo uma nova palavra (*cavalheiro*), significando um homem de sentimentos e ações nobres, educado e cortês, derivada do termo *cavaleiro*, incorpora-se ao léxico.

É por conta destas transições, que vemos os cavaleiros sofrerem diversas influências, como na literatura:

Em primeiro lugar, a introdução da literatura que reflete esta mística da cavalaria (as chamadas Canções de Gesta, notadamente a Canção de Rolando, e as que compõem o Ciclo Arturiano), ocorre na segunda metade do Século XII, e reflete muito menos que reais episódios históricos, a clara intenção didática, inspirada nos ideais da Igreja em tornar a guerra mais civilizada, e os guerreiros mais humanos, de disciplinar, pelo uso de exemplos extremos, uma sociedade militarizada, que já não se continha nos estreitos limites impostos pela ordem feudal (REZENDE FILHO, 1989, p. 77).

Quando queremos saber algo a respeito daqueles, temos que pensar nas relações dos cavaleiros com seu suserano, com as guerras e torneios, a busca por renome e o mundo que os cercavam. Antes de começarmos, convém examinarmos alguns detalhes. Atualmente existe uma associação entre o comportamento cavalheiresco e nobreza, mas que não são sinônimos na Idade Média. Inclusive o historiador Cyro de Barros Rezende, em seu livro “Guerra e poder na sociedade feudal”, dá ênfase:

O cavaleiro feudal não era um nobre, pelo simples fato de ser um cavaleiro; nem ser cavaleiro; nem ser nobre, ou portar-se com nobreza, era, na época, sinônimo de comportamento exemplar. Longe disto, a nobreza constituía um círculo pequeno e fechado, cujas raízes remontam à época carolíngia, e mesmo a períodos anteriores; seus componentes são os antigos vassallos do senhor, os potentes, os grandes senhores, os componentes das famílias reais. Raramente guerreiros sem tradição nobiliárquica ascendem a seu círculo. Os normandos, na Inglaterra são a necessária exceção: alguns de seus líderes conseguiram, pela força das armas, transformarem-se em grandes senhores, em nobres. E o mais importante, ser nobre, durante a época feudal, é mais pertencer ao círculo estreito da nobreza, que ostentar um comportamento exemplar. (REZENDE FILHO, 1989, p. 77).

Rezende Filho (1989, p. 79) defende a utilidade desta unidade da cavalaria na guerra: “Ela é uma arma de uso único, não possui flexibilidade operacional. Destina-se unicamente ao papel de tropa de choque, na forma de cerradas cargas de cavalaria, com a finalidade de romper as linhas inimigas”.

Como unidade de guerra, fez parte das batalhas do Século X até o final da Idade Média. No Século XIII, foi onde ela atingiu o seu maior ápice “(...) a carga maciça de cavalaria chegou a ser considerada como a verdadeira força decisiva para vencer uma batalha”. (JESTICE, 2012 p. 140). Esta crença depende, como dito acima, de uma organização coordenada entre os componentes do exército, mas o motivo do destaque é porque o:

(...) século foi marcado por uma série de decisivas batalhas campais em que a carga de cavalaria dominou o campo de batalha, criando um breve “momento” da cavalaria, mesmo quando as forças militares se tornaram mais diversificadas e uma infantaria qualificada se tornou importante (JESTICE, 2012 p. 140).

Outros autores, como Jean Flori, dizem que os cavaleiros também participaram de várias batalhas medievais a pé, para elevar a moral da infantaria. Além disso, eles não poderiam fugir facilmente do combate, lutando com mais determinação (FLORI, 2005, p. 88). Estes guerreiros especializados precisavam então de treinamento para serem eficientes; e o que começou como um simples exercício evoluiu até uma forma mais faustosa, o “torneio medieval”. Embora:

(...) ninguém conheça com certeza a data de nascimento dos torneios (...) Os primeiros textos que assinalam a existência desses torneios datam do início do Século XII (...) Certamente, não foi necessário esperar até a metade do Século XI para compreender que a equitação e a guerra exigiam um mínimo de treinamento. (FLORI, 2005, p. 98).

A participação nos torneios, devido ao seu grande sucesso, se tornou um atrativo para os jovens cavaleiros, permitindo a possibilidade de ascensão social. No Século XIII, surgiram, então, times que participavam destas competições de combate simulado, nos quais se destacou o cavaleiro Guilherme Marechal.: “(...) brilhando nos torneios da França, um *dreamteam* do qual Guilherme Marechal se vê como o mais belo florão, apesar das invejas que suscita. ” (BARTHELEMY, 2012 p. 420). Patrocinando esta jovem cavalaria, os barões e nobres podiam aumentar o seu prestígio e atrair seguidores, ou seja, os torneios assim como a guerra se tornaram uma disputa por poder.

## 2.2. O CONTEXTO A PARTIR DE UMA BIOGRAFIA: GUILHERME MARECHAL, “O MELHOR CAVALEIRO DO MUNDO”

Ao procurarmos cavaleiros medievais, é tentador falar de rei Arthur, Lancelot e outros heróis que povoam os contos, mas optou-se por falar de um guerreiro histórico, que nem por isso possui uma história menos interessante. Sabemos que o cavaleiro existiu e que obteve certo prestígio, porque seu corpo encontra-se enterrado na “Temple Church” em Londres.

**Figura 1:** Estátua mortuária (efígie) do cavaleiro Guilherme Marechal



Fonte: [http://www.churchmonumentsociety.org/London\\_1.html](http://www.churchmonumentsociety.org/London_1.html)

Além disso, o presente trabalho busca decifrar o ideal de cavalaria na Idade Média. Um dos melhores exemplos de cavaleiro, segundo Le Goff, Barthelemy e Duby é a figura de Guilherme Marechal, citado como cavaleiro bem-sucedido em seus trabalhos sobre a Idade Média<sup>1</sup>.

Na nomenclatura inglesa, o nome do cavaleiro se escreve como Willian Marshall, (mas utilizaremos o nome Guilherme Marechal, pelo fato dos textos em português utilizarem esta nomenclatura e, uma vez que serão citados abaixo, isto deve facilitar a leitura) este nasceu no século XII e morreu no século XIII. Viveu em uma época conturbada, na qual reis e príncipes lutavam pela supremacia da Inglaterra. Marechal foi um cavaleiro que conseguiu ascensão social e econômica. Investido cavaleiro com aproximadamente 20 anos, ele fez sua reputação lutando em torneios e guerras. Foi agregado à companhia do “jovem rei” (era assim que o príncipe Henrique era chamado). Também ficou a serviço de seu pai, Henrique II e mesmo após a morte deste; ainda foi regente de seu sobrinho Henrique III, filho de João “Sem Terra” (ROBARDS, 1997, p. 139).

Como sabemos de sua história? Felizmente, o renomado historiador Georges Duby escreveu um detalhado livro chamado “Guilherme Marechal, ou o Melhor Cavaleiro do Mundo”. O autor se baseou em algumas fontes: o livro História em três volumes, de Paul Meyer, publicado pela Sociedade Histórica da França em 1891, 1894 e 1901. Outra fonte que ele usou foi a obra de Sidney Painter: *Willian Marshall, Knight-errant, Baron and Regent of England* (Guilherme Marechal, Cavaleiro Andante, Barão e Regente da Inglaterra), publicado em Baltimore em 1953. Duby (1987, p. 53). Ambas as obras trazem cópias comentadas de um texto com as histórias e biografias deste cavaleiro. Segundo Duby: “Eles me convencem que nada do que está relatado no poema está em franca contradição com o que foi escrito na mesma época e que chegou anós” Duby (1987, p. 53). Estes livros analisaram o texto original, um poema sobre a vida deste cavaleiro, feito pelo filho mais velho de Guilherme Marechal (quando pai e filho tem o mesmo nome, Duby chama o primeiro de velho e o segundo de moço, assim quando o texto fala de Guilherme, o “moço”, indica ser o filho) e sabemos que era composto de:

---

<sup>1</sup>BARTHÉLEMY, Dominique. A cavalaria: Da Germânia antiga à França do século XII. Unicamp, 2010.

DUBY, Georges. Guilherme Marechal: Ou o maior cavaleiro do mundo. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GOFF, Jacques Le. Heróis e Maravilhas da Idade Média. Petrópolis, Rj: Vozes, 2009. 332 p.

Cento e vinte folhas de pergaminho – não falta uma sequer; em cada uma delas, duas colunas de trinta e oito linhas; ao todo, dezenove colunas de trinta e oito linhas; ao todo, dezenove mil, novecentos e quatorze versos; Guilherme, o Moço, não poupou cuidados. Sete anos se passaram na coleta de informações, na elaboração e adequada edição da obra. O resultado custou caro e quem o financiou quis que todos o soubessem, que isso constasse no poema. O filho primogênito, “que arcou com todas as despesas”, foi, portanto, o responsável pela realização da obra. (DUBY, 1988, p. 45).

O poema foi escrito por um trovador de nome João de Early. Ele foi redigido com uma intenção de ordem profana:

(...) fazer brilhar sua glória nas cortes principescas e nos acampamentos erguidos perto dos campos de torneio. Importava (...) que o valor de Guilherme Marechal fosse celebrado nas formas específicas de uma cultura de fora a sua, que era a de todos os seus amigos, e que ele contribuía para exaltar – a **cultura da cavalaria** (DUBY, 1988 p. 40).

Esta obra não é imparcial e Duby diz que o texto pode ter algumas deformações devido a dois fatos, o primeiro é por ser uma biografia ou um:

(...) panegírico, como eram as *vidas* de santos e reis, uma defesa de si mesmo, como sempre são as memórias. Exagera os méritos, é óbvio, concentrando neles toda a luz, mantendo criteriosamente na sombra o que é menos glorioso, apagando mesmo o que possa deslustrar a imagem. Era essa uma das funções dessa literatura de família: contribuir para a defesa dos interesses da linhagem (...) (DUBY, 1987 p. 53).

O segundo resulta das falhas de lembrança:

Esquece-se mais facilmente aquilo que somente se sabe de ouvido. Assim, quando o olhar se aventura fora da época de João de Early (quem escreveu o poema) viveu pessoalmente, vemos enfraquecer-se o rigor, que, nos períodos mais próximos, conserva em exata continuidade linear a sequência precisa dos feitos e gestos (...) (DUBY, 1987 p. 54).

O livro de George Duby foi escolhido porque seu texto coincide com o que buscamos no presente trabalho: “(...) o meu propósito é simplesmente o de esclarecer o que ainda se

conhece pouco, recolhendo nesse testemunho... o que ele nos conta da cultura dos cavaleiros. Quero, apenas, tentar ver o mundo como esses homens o viam. ” (DUBY, 1987 p. 55).

Logicamente, porque vivemos em outra época, nossas referências podem não ser as mesmas, mas para podermos compreender esta ética cavaleiresca, a história de Marechal nos passa importantes referências. Outro historiador, o francês Barthélemy, dedica umas vinte páginas em seu livro “A cavalaria” (2010) para falar do mesmo. Ele também estudou a obra de Georges Duby e a define como: “um ensaio admirável, cheio de graça e emoção”. Justamente porque não tivemos acesso ao poema original, estudamos o que o historiador escreveu; como consequência, estas linhas podem ficar um pouco carregadas pela paixão com que Duby compôs seu livro. Após esta introdução, falemos mais detalhadamente sobre o cavaleiro e o mundo que o cercava então:

Para os homens da época de Guilherme Marechal, a cavalaria era mais do que uma carreira. Segundo João de Salisbury, um filósofo do século XII, era um modo de vida espiritual e emocional: proteger a Igreja, lutar contra a traição, proteger os pobres das injustiças, instaurar a paz na província de residência, derramar sangue pelos irmãos e, se as necessidades o requerem, dar à vida. (BOOKS et al, 2009, p. 68).

Para aprender estas qualidades, João Marechal enviou seu filho ainda jovem à casa de Guilherme de Tancarville, camarista do rei da Inglaterra.

Esse homem, seu primo-irmão, governa um castelo forte, no qual se reúne noventa e quatro cavaleiros sob seu estandarte e é muito boa a posição que ocupa na casa real; dos parentes próximos de João é um dos mais poderosos. Todos os seus primos confiam plenamente nele...os pais se preocupam em confiá-los a Tancarville, para que os trate como se fossem seus “netos”. Não são seus descendentes, porém neles corre o mesmo sangue que o seu. (DUBY, 1988, p. 94).

E por qual motivo ele treinaria os jovens pretendentes a cavaleiro? A provável resposta é que:

(...) ele sabe que assumindo essa função ele substitui seus pais e, portanto, multiplica sua progênie muito mais do que ele próprio poderia gerar em suas sucessivas esposas. Tem sob a fêrula um tropel de futuros guerreiros. Pertencerão a ele por todo o sempre, presos nos laços de uma amizade respeitosa que costuma aparecer, aos

olhos de quem é seu objeto, como a mais segura riqueza que possa haver no mundo. (DUBY, 1988, p. 95).

Assim, o Marechal aprendeu as artes de cavalaria e do combate, bem como modos próprios da corte. O jovem Guilherme aprendeu a caçar nos bosques próximos e a manejar a espada e a lança sob os muros do grande castelo e foi instruído em canto pela esposa de Tancarville. (BOOKS et al, 2009, p. 68).

Sobre a origem do seu sobrenome, Marechal, isto se deve a um antepassado (seu avô) que acompanhou Guilherme, o Conquistador, na invasão à Inglaterra em 1066. Seu nome era Gilberto e George Duby informa que: um século antes da morte de seu neto, esse Gilberto exerceu junto ao rei da Inglaterra, Henrique I, as funções de marechal da corte, o que lhe valeu seu apelido, que terminou sendo nome de família. (DUBY, 1988, p. 82).

As aventuras de Marechal nos passam um pouco do pensamento da cavalaria na época. Em 1167, estoura uma guerra entre os Reis Henrique (Inglaterra) e Luís (França). Foi a estreia do cavaleiro em combate real, no qual ele lutou com ferocidade, chegando a quebrar a sua lança. Ele quase foi morto quando soldados de infantaria usaram um gancho de ferro para derrubá-lo do cavalo; ele sobreviveu, mas perdeu sua montaria. Mais tarde, durante a festa de vitória, um dos nobres, em tom de desdém, pediu uma lembrança ou butim do combate. Guilherme Marechal não tinha pego nenhum, mas captou a mensagem:

Não devia apenas derrotar seus oponentes, mas capturá-los de forma que tenham que pedir resgate, sejam pelos seus cavalos, armas ou pela própria pessoa deles. A lição foi dura, seus superiores o repreenderam porque havia perdido um cavalo muito caro e teria que vender sua nova capa de cavaleiro para comprar outro. (BOOKS et al, 2009, p. 70).

Este conflito também foi registrado por George Duby:

Ingênuo, o novo cavaleiro protesta: não possui nada de seu; “não se bateu pelo ganho, mas para libertar a cidade”. Perdeu tudo o que tinha. Os outros caem na gargalhada. Ele entende a lição. Tem coragem para dar e vender. E aprende que a coragem serve, antes de mais nada, para se enriquecer. (DUBY, 1988 p. 99).

Seu treinamento para a vida real começava a partir daquele momento, mostrando que o ideal de cavalaria entrava em conflito com a realidade. E ser um cavaleiro custava muito caro. Para começar, precisava de três cavalos: um para a bagagem, outro para viajar e um terceiro

para a guerra. Além disso, devia dispor da típica capa luxuosa de cavaleiro sobre a qual se bordava o escudo de armas do senhor. Ainda mais custoso era o equipamento de guerra, que na época era um capuz, colete de mangas compridas e meias feitas de um tecido de anéis metálicos, para proteger dos golpes de lança e espadas, além das flechas. Sob esta armadura, o cavaleiro usava um gibão acolchoado a fim de amortecer o impacto dos golpes recebidos em batalha. O escudo feito de madeira e coberto em couro cozido, tinha o brasão do cavaleiro ou do seu senhor. Para a cabeça, o cavaleiro podia optar por um elmo leve, com topo de metal e uma “saia” de cota de malha preso a ele, para dar mobilidade ou um elmo pesado de combate, mais fechado, com ranhuras para os olhos e orifícios de ventilação. Uma espada e uma lança leve de madeira de freixo completavam o equipamento de guerra. (BOOKS et al, 2009, p. 71).

Guilherme, por ser o filho mais novo, não tinha direito a uma parte do patrimônio familiar (BOOKS et al, 2009, p. 71). Ele já era um cavaleiro instruído, sabia como lutar, vestir-se, comer, beber e comportar-se entre a aristocracia. Sua estadia na casa de Tancarville havia chegado ao fim e o jovem devia sair para o mundo sem mais recursos além de sua própria engenhosidade. Optou então por seguir carreira como soldado profissional, oferecendo sua lealdade ao nobre que solicitasse seus serviços. Havia perdido seu cavalo no combate anterior e nem cavaleiro poderia ser. O poema autobiográfico nos conta uma história que senão for de todo verdade, nos permite captar uma parte do contexto do que seria um bom “Cavaleiro”. Assim replicamos aqui as palavras de Duby (1988), p. 101:

De tudo o que havia recebido do seu patrono, ritualmente, o que lhe restava? Apenas a espada, a cota de malha partida.... Seu bom cavalo estava morto. Quanto ao manto, precisou vendê-lo (...) soma estritamente suficiente para comprar um burrinho que carregasse suas armas (...).

Como já não pertencia à casa de Tancarville, não tomou parte na distribuição dos melhores cavalos da estrebaria. Restou um, porém, no pátio, que ninguém quis. Forte, bonito, de belo porte, mas rebelde ao freio, selvagem demais e mal treinado, de modo que ninguém se atrevia a utilizá-lo num combate esportivo. Guilherme saltou em cima dele, deu-lhe de esporas, domou-o enfim, numa espécie de rodeio cujas fases, feitas de idas e vindas, o poema acompanha no menor detalhe (...). “Esse sucesso permitiu que completasse o seu equipamento” (DUBY, 1988 p. 123).

Esta história enaltece as habilidades primárias de um cavaleiro, a de domar, saber conduzir um cavalo. O sucesso segundo se conta foi tão grande que o belo animal depois se

mostrou de inestimável ajuda, servindo-o em vários torneios que se seguiram, pois, para ficar conhecido participou de justas, como qualquer outro jovem cavaleiro. Estes campeonatos representavam o meio ideal para ganhar dinheiro e demonstrar as habilidades de combate. Marechal conseguiu um grande sucesso a tal ponto que, associado a outro cavaleiro, derrotou um total de 103 adversários em um período de dez meses (Books et al, 2009, p. 70), ajudando a melhorar sua reputação e seus lucros. Nem todos os confrontos terminaram com bons resultados, alguns com consequências perigosas, demonstrando o risco da profissão: Após o final de um torneio, os aliados de Guilherme o procuraram por todo o torneio, foram encontrar o campeão, com a cabeça em cima de uma bigorna, enquanto um ferreiro se esforçava para liberar sua cabeça do elmo, amassado por um golpe durante o torneio. Esta cena aconteceu segundo Barthelemy: “Por duas vezes, Guilherme tem o seu elmo amassado, ao mesmo tempo ganhando o prêmio. Em seu início, entre Saint-Brice e Bouere, no Maine, em 1174, e em Pleurs, quando ele está no auge de sua glória, nós o encontramos, “na forja, com a cabeça sobre a bigorna, enquanto o ferreiro, com a ajuda de seus alicates e martelos, arranca-lhe o elmo, amassado e afundado até o pescoço” e isso com “grande dificuldade” (História de Guilherme Marechal *apud* BARTHELEMY, 2012 p. 423).

O sucesso nas justas serviu para ganhar um posto na casa do poderoso Conde Patrick de Salisbury (não por acaso, irmão de sua mãe). A primeira missão do cavaleiro foi acompanhar a comitiva que escoltava a Rainha da Inglaterra, Leonor, para suas terras em Poitiers. No meio do caminho, o grupo sofre uma emboscada por soldados franceses, a rainha é levada para um lugar seguro, mas antes que os cavaleiros pudessem se organizar o conde Patrick é assassinado pelas costas. Guilherme entrou em batalha, mas foi ferido na perna e capturado. Seria a única ocasião na qual Guilherme Marechal foi capturado em batalha (BOOKS et al, 2009 p. 71).

Guilherme Marechal não possuía recursos para pagar seu próprio resgate. Foi a rainha Leonor que comprou a sua liberdade e o manteve a seu serviço (BOOKS et al, 2009, p. 71). Com apenas vinte e um anos, o cavaleiro chegou ao auge das aspirações de todo jovem escudeiro: servir em uma casa real. Após algum tempo, ele entra para a casa do primogênito de Leonor, Henrique (o Jovem Rei). Guilherme atingiu tal prestígio que lhe foi permitido criar sua própria companhia de cavaleiros com seu escudo de armas (um estandarte metade verde e metade amarelo, com um leão vermelho). Inclusive é ele quem arma o “Jovem Rei” cavaleiro (uma função que normalmente seria do pai Rei Henrique II) a pedido deste, uma grande honra para qualquer cavaleiro (BOOKS et al, 2009, p. 76).

Outra ocasião na qual podemos ver uma faceta do “cavalheirismo”, seria por ocasião de um certo torneio: quando Marechal se aproximou de um grupo adversário, cercado por um número maior de cavaleiros, eles preferiram se render à Guilherme, em vez de fazer isto aos que se esforçavam por cercá-los até então (o que ocasionou um certo ressentimento). O cavaleiro verde e amarelo acaba vencendo a discussão por meio de suas ameaças (o autor não declara exatamente quais). Os cercados então se rendem, mas o Marechal não aceitou e os declarou livres; em sinal de agradecimento, eles garantiram que ficariam à sua disposição. Neste ponto o cavaleiro demonstra o seu lado diplomático: formando novas amizades em outros campos, fazendo com que a tradição de acordos entre guerreiros nobres sobreviva nos torneios (BARTHELEMY, 2010, p. 423)

Não apenas ameaças físicas o cavaleiro precisou enfrentar, seu sucesso naturalmente despertou inveja e um perigoso boato correu na corte: de que tinha um romance com Margarida, esposa do Jovem Rei (o rei Henrique II tinha um filho de mesmo nome, este era chamado de Jovem Rei). “Esta nobre era filha do rei Luís VII da França, irmã de Felipe Augusto. Em 1168, para consolidar a paz recentemente firmada entre a casa Capeto e a dos Plantagenetas, ela foi entregue ao filho de Henrique II da Inglaterra. Agora ela tem 25 anos (...)” (DUBY, 1988, p. 68).

“Isto era terrível porque em Flandres, onde o Príncipe Felipe havia descoberto a relação entre sua esposa e um dos seus cavaleiros, este foi golpeado e pendurado de cabeça para baixo em um canal de esgoto, até que se afogou. ” (BOOKS et al, 2009, p. 76). Guilherme não recebe a mesma punição, mas o Jovem Rei o retira de seu time de cavaleiros. A reação de Guilherme serve como exemplo até para o mais corajoso dos cavaleiros:

No natal de 1182, onde uma faustosa corte se reuniu em Caen por Henrique II, dos Plantageneta, Guilherme se defende destas acusações com orgulho: ele se diz pronto a enfrentar sucessivamente três cavaleiros acusadores – e que seja enforcado imediatamente se vencido. (BARTHÉLEMY, 2010, p. 431).

Caso ninguém aceitasse o desafio, tal boato deveria imediatamente cessar. Deixado naturalmente sem resposta, ele ofereceu uma porta de saída honrada, antes de sair da corte. “Devidamente munido de salvo-conduto, deixou então o domínio Plantageneta. Seguro de estar agindo corretamente. Algumas semanas depois, de fato o rei moço já lhe pedia que retornasse” (DUBY, 1988, p. 73). Ao pesquisarmos se esta cena poderia ter acontecido, temos

opiniões incertas. George Duby se pergunta se isto não seria interessante à fama do cavaleiro Guilherme, ter em seu currículo o “status” de ter sido amante de uma princesa da Inglaterra.

Marechal não lutou muito tempo pelo Jovem Rei, que faleceu em função de uma forte disenteria. O cavaleiro passou a ter novos deveres. Ordenou a retirada dos intestinos, do cérebro e dos olhos do cadáver de Henrique e que seu corpo fosse coberto com sal para depois ser envolto em uma pele de touro, a fim de transferi-lo para seu lar. Não foi uma procissão funerária especialmente majestosa; a longa série de campanhas contra seu pai havia deixado o Jovem Rei em uma situação econômica delicada. O futuro não parecia promissor, mas após três anos, encontrou um posto junto ao próprio rei Henrique II, cujas renovadas dificuldades com outro de seus filhos, Ricardo, levou-o a precisar de cavaleiros prontos para a batalha (BOOKS et al, 2009, p. 76).

Mais uma vez, Guilherme se destacou nos confrontos. Em Le Mans, o Rei Henrique II fez seu exército enfrentar o de Ricardo. Pensando que os homens de seu pai tinham sido derrotados, Ricardo se adiantou a galope com o objetivo de proclamar a vitória. Guilherme, encarregado da retaguarda, aproveitou-se disso e lançou-se contra o agressor que “não portava elmo, apenas um chapéu de ferro, nem cota de malha, somente um gibão de couro” (Duby, 1988, p. 167). O príncipe, que reconheceu Guilherme, gritou que era perverso assassinar um homem desarmado. A contragosto, Marechal acertou o cavalo do filho do rei e apelou aos demônios para que cuidassem do príncipe. Esta cena de respeito cavalheiresco, ao não matar alguém desarmado, poderia ser irreal, mas George Duby cita a mesma cena em seu livro:

“Matar o cavalo montado pelo herdeiro do trono e fazê-lo morder o pó, quanto mais nos combates mais duros da guerra, não era ato sem consequências, nem o mandar morrer nas mãos do diabo” (DUBY, 1988 p. 168).

Após esta batalha, houve uma trégua forçada, onde o rei teve que ser retirado de maca no campo. Faleceu pouco tempo depois (BOOKS et al, 2009, p. 76). A fidelidade do cavaleiro Guilherme colocou-o em uma posição delicada. Havia servido Henrique II, o velho, mas acabou se tornando inimigo do novo rei. A verdade é que Ricardo, que já começava a ficar conhecido como Ricardo “Coração de Leão”, era muito prático e não hesitou em mantê-lo ao seu lado; concedendo a ele a honra de levar o cetro real em sua coroação, em setembro de 1189. Marechal era um cavaleiro confiável e Ricardo encontrou um homem em que podia confiar seus assuntos, já que ele mesmo nunca passou muito tempo na Inglaterra. Para isso, elevou mais a posição de Guilherme, dotando-o generosamente de terras e organizando o casamento com Elisabete de Striguil, uma das herdeiras mais ricas do reino (BOOKS et al, 2009, p. 77).

Como senhor de Striguil, Guilherme passou a possuir dois castelos impressionantes em seu nome e muitos outros sob sua jurisdição. Apesar de todas as riquezas e de sua influência, o veterano continuou liderando as tropas em batalha, como fez em 1197, quando Ricardo lançou uma nova campanha contra o rei Felipe II da França. Guilherme tinha 50 anos na ocasião, mas quando suas tropas investiram contra o castelo em Milly-em-Beauvaisis, ele participou ativamente da luta; subiu por uma escada e derrubou o alferes-mor do castelo com um golpe no elmo. Cansado pelo esforço, Guilherme se sentou sobre a vítima inconsciente, enquanto a batalha continuava ao seu redor, sendo censurado pelo rei:

Ricardo Coração de Leão censurou o Marechal por portar assim, como um moço; ele atordoara, mais que isso, fendera o elmo e a coifa do guardião do castelo de Milly-em-Beauvaisis; depois, um pouco cansado, simplesmente sentou sobre o corpo do prisioneiro, para que não o roubassem dele (...) (DUBY, 1988, p. 139).

Infelizmente, esta situação favorável terminou em 1199, quando o rei Ricardo foi ferido em um cerco e morreu onze dias depois. Seu irmão, João, assume seu cargo (por dezesseis anos) e desconfiou tanto de Guilherme, que chegou a pedir dois filhos seus como reféns. O maduro cavaleiro suportou estas provações com sua dignidade habitual, até que finalmente ganhou o respeito do problemático rei. Em 1216, enquanto o João jazia em seu leito de morte, o nome de Guilherme Marechal encabeçou a lista de nobres aos quais confiava o cuidado de seu filho Henrique, o herdeiro do trono, com nove anos de idade (BOOKS et al, 2009, p. 77).

Como regente, Guilherme não era apenas o protetor do rei, mas também guardião do futuro da Inglaterra. Um dos primeiros atos em seu novo papel foi acompanhar o jovem Henrique III na cerimônia em que foi nomeado cavaleiro (a segunda ocasião em que fazia isto a um rei). Ele também evitou discussões, oferecendo generosas condições aos barões dispostos a submeter-se ao mandato de Henrique III, tentando resolver as injustiças cometidas pelo Rei João. George Duby conta como o cavaleiro teve que esvaziar o que sobrara do tesouro real para pagar dívidas mais urgentes, incluindo a própria guarda do castelo onde faleceu o rei (DUBY, 1988). Apesar disso, quando o novo rei já estava no trono a um ano, a cidade de Lincoln ainda estava nas mãos de uma facção rebelde. Guilherme decidiu resolver o problema. Reuniu um grupo de 406 cavaleiros e 317 besteiros e foi reconquistá-la (isto que o velho soldado já passava dos 70 anos na ocasião). Após a duríssima batalha, as forças de

Guilherme saíram vitoriosas, embora ele mesmo saísse dela com a armadura danificada, mas são e salvo (BOOKS et al, 2009, p. 78).

No final de sua vida, Guilherme doaria seu corpo para a ordem religiosa dos templários, não sem antes transferir as rédeas do governo, recebendo uma última visita do jovem rei, Henrique III. Morreu em 14 de maio de 1219, terminando assim um belo capítulo da cavalaria. Tãmanha eram as qualidades que quando soube de sua morte, o rei Felipe da França, seu inimigo durante anos, elogiou e disse: “O Marechal foi, no meu juízo, o homem mais leal e autêntico que já conheci, em qualquer lugar que fosse.” (DUBY, 1988, p. 37).

**Figura 2:** Equipamento típico de um cavaleiro inglês do Século XIII, com as cores do Brasão



de Guilherme Marechal

Fonte: BOOKS, Time-life et al (Ed.). **A Época da Cavalaria: Europa 800-1500**

### 3. CAPÍTULO II- METODOLOGIA E OS DIVERSOS TIPOS DE CAVALEIROS

#### 3. 1. O MÉTODO COMPARATIVO

Porque o método comparativo? Segundo Marc Bloch, é um método preferível para se utilizar em sociedades próximas no tempo e no espaço, precisamente por abrir a percepção do historiador para as influências mútuas. Por iluminação recíproca, procura esclarecer as verdadeiras causas, inter-relações ou motivações de um fenômeno (no caso, a mudança da cavalaria), buscando não só identificar as semelhanças, como também as diferenças. Se tratando de uma comparação entre fontes, usarei também o artigo: “História Comparada: Olhares Plurais” de Neyde Theml, que fala sobre as vantagens e riscos ao se utilizar este método. Segundo a historiadora:

A comparação convida os pesquisadores a colocar em múltiplas perspectivas as sociedades, os contrastes, os excessos e o secreto, inicialmente, sem fronteiras de tempo ou espaço. Isto porque, ao colocar em comparação várias experiências, produzem-se, frequentemente, espaços de inteligibilidade e nova reflexão. (THEML, 2007, p.11).

A tipologia de perspectivas comparativas é citada no texto “História Comparada – um novo modo de fazer história” do historiador José D’Assunção Barros. Esta ferramenta é dividida em quatro abordagens, trabalhada em cada subcapítulo, conforme citado abaixo:

- Individualizadora: onde o objetivo é buscar a singularidade de cada caso, encontrando as especificidades de cada tipo histórico de cavaleiro: o cavaleiro doméstico, o cavaleiro mercenário e o cavaleiro de torneios. O subcapítulo 4.1. Diversos tipos de cavaleiros, irá explicitar acerca deste tipo de metodologia;
- Diferenciadora: verificar como os cavaleiros se comportam no Século XIII e também no Século XV, examinando-os através de um conjunto de variáveis – alguns traços ou questionamentos que são escolhidos para efetuar as comparações – de modo a tirar conclusões sobre os diferenciais de cada caso examinado. Usaremos como referência então o seu treinamento, suas armas e armaduras para encontrar as suas identidades no item 4.2. Diferenças entre o século XIII e o XV: treinamentos

- Universalizadora: esta abordagem comparativa procura encontrar os elementos comuns a todos os casos examinados, postulando-se uma unicidade dos processos históricos. Por exemplo, independente do período, os cavaleiros são uma unidade com treinamento bélico intenso, sendo que o torneio surge originalmente como uma forma de preparação para os conflitos que podem surgir, local onde podem ser experimentadas novas técnicas e onde cavaleiros de diversos reinos possam duelar e demonstrar as suas técnicas (FLORI, 2005, p. 100). O subcapítulo 4.3. Guerras e torneios: o modo de vida cavalheiresco irá falar disto.
- Globalizadora: visa examinar diversos casos, de modo a incluí-los em um sistema geral que os abranja e lhes dê sentido. “No caso da cavalaria, ela é uma das características mais expressivas do feudalismo, combinando o seu caráter aristocrático com rituais religiosos e instituições monárquicas de modo definitivo e com bastante facilidade” (GOFF, 2009, p. 115). O subcapítulo 4.4. O ideal de cavalaria irá detalhar esta parte.

## **3.2. DIVERSOS TIPOS DE CAVALEIROS E SUAS ARMAS**

As hostes de um exército eram compostas de elementos variados, que continham uma grande maioria de infantes, dependendo do período mais arqueiros ou besteiros e, dependendo da estratégia, máquinas de cerco. Assim, dentro da cavalaria, também temos em sua composição guerreiros de origens diversas (FLORI, 2005, p. 87).

### **3.2.1. O CAVALEIRO DOMÉSTICO**

Os cavaleiros vassalos de um senhor (suserano), estavam condicionados a prestarem serviços, segundo Flori (2005, p. 58), devendo evitar prejudicar o seu senhor, fornecer ajuda recíproca e mesmo ajuda financeira em caso de necessidade e enfim, ajuda militar contra os seus inimigos. Em geral estas atividades ocupavam apenas uma parte do ano, sendo que o resto do ano, o vassalo iria cuidar de suas próprias atividades, “vivendo nas terras concedidas pelo seu senhor, abundantes ou não, dependendo de suas posições. ” (FLORI, 2005, p. 58). Flori se refere a eles como vassalos “encasados”. No entanto, iremos falar de um tipo mais específico, ligados mais diretamente à casa do senhor: o cavaleiro “doméstico” por assim dizer. Seu número varia de acordo com a “prodigalidade” (leia-se riqueza e generosidade) para quem presta serviço.

“Estes guerreiros, alimentados e alojados no castelo ou em suas dependências imediatas, constituem a guarda próxima do senhor, a sua escolta, e formam o essencial de suas tropas nos ataques, operações de represálias e *razias* impostos pela honra (...)” (FLORI, 2005, p. 60).

A origem deles parece diversa, incluindo camponeses que se destacaram por seu serviço ou seriam sobrinhos, talvez algum parente distante. Os primeiros tinham situação muito precária, sendo enviados de volta à massa se ficassem velhos ou se ferissem irremediavelmente. Os segundos esperavam ser julgados dignos de serem investidos cavaleiros ou de se tornarem por conta própria, correndo o mundo como errantes. Os textos que nos chegam falando sobre este ponto de vista, foram encomendados por famílias “nobres”, a medida em que dotavam as igrejas, cujos monges e capelães eram em sua maioria, os redatores (FLORI, 2005, p. 59).

Outra possibilidade, segundo Flori, é que isto não fosse a maioria dos casos:

O estudo estatístico, às vezes realizável, mostra, por exemplo, que os escudeiros eram antes de tudo, servidores, geralmente pela vida toda. Para um filho de senhor que, no castelo de um parente, servia “pelas armas” como escudeiro até sua investidura, deve-se contar dez vezes mais, talvez, escudeiros-servidores que nunca serão investidos. Os raros que o serão por causa de suas capacidades guerreiras não deixarão de ser servidores armados. (FLORI, 2005, p. 60).

Além dos serviços prestados ao senhor, na guerra aqueles vão se reunir a outros cavaleiros que servem também, mas sem ser vassalos ou servidores: os cavaleiros estipendiados (FLORI, 2005, p. 60).

### **3.2.2. CAVALEIRO MERCENÁRIO**

O exército medieval não era composto apenas dos vassalos de um suserano. Como dito acima, o senhor feudal possuía suas próprias tropas “domésticas”, mas mesmo com estas forças somadas, o contingente não era suficiente para a realização das atividades militares seja para ataque, defesa ou conquista dos territórios. Assim, se recorria a um outro tipo de cavaleiro, que recebia remuneração. Flori fala sobre estas unidades:

Esses guerreiros não eram por isso mercenários no sentido pejorativo contemporâneo. Suas motivações eram múltiplas: amizade, relações de parentesco,

desejo pelo exotismo, nomadismo, sede de glória, esperança de butim ou de conquistas, etc. Em todos os casos, sua participação tornava-se para eles custosa, e era natural que fossem indenizados. (FLORI, 2005, p. 61).

Eles podiam fornecer seus serviços individualmente, colocando sua espada a serviço de príncipes que pudessem remunerá-los. Outros possuíam suas próprias tropas. Um exemplo da existência deste tipo de serviço foi o Conde Robert II de Flandres, onde através do tratado de Douvres, ele forneceria ao rei Henrique, da Inglaterra “mil cavaleiros durante 16 dias se as operações ocorressem na Normandia, 500 cavaleiros durante um mês se elas ocorressem no Maine” (FLORI, 2005 p. 61). Estes cavaleiros mercenários não devem ser subestimados, salientando que não faziam apenas serviços puramente mercantis. Inclusive existem vários textos que relatam, a partir do Século XII, que estes se mostraram mais valentes e fiéis do que outros vassalos (FLORI, 2005, p. 62).

Em suma não havia grande diferença entre servir a soldo, ou servir como vassalo, visto que ambos faziam isto em troca de benefícios; alguns eram apenas servidores armados, enquanto outros dispunham eles próprios de forças armadas.

Todos eram cavaleiros na medida em que (...) a partir do Século XI, a única maneira honrosa de combater consiste em fazê-lo a cavalo, com um equipamento particular, eficaz, mas caro. A cavalaria está, portanto intimamente ligada à noção de serviço (...). Assim como a noção de cavalaria, a ideia de serviço não evoca uma classe social. A questão não é, portanto, saber se os cavaleiros “servem”. Eles o fazem, assim como os reis, monges e como os camponeses. O que os distingue, na sociedade, é muito mais a natureza de seu serviço e a posição daqueles a quem serve. (FLORI, 2005, p. 63).

### **3.2.3. O CAVALEIRO DE TORNEIOS**

Para que este tipo de cavaleiro pudesse surgir, foi necessário o surgimento dos grandes circuitos que percorriam a Europa. Interessados em aumentar o seu prestígio e a renda que estes eventos propiciavam, príncipes e grandes barões patrocinaram estes eventos entre os Séculos XII e XV. Ali o cavaleiro poderia, semelhante a uma roleta russa, conseguir excelentes ganhos ou perder tudo (Duby, 1988, p. 139). Ao escolhermos as individualidades, falamos do cavaleiro doméstico e do mercenário, mas foi necessário criarmos mais um perfil para explicar o conceito. Em parte, porque o cavaleiro doméstico estava condicionado às vontades do seu senhor. Semelhante a um guarda-costas, ele não poderia se afastar de sua

“casa”, pois estaria saindo de sua função. Logicamente, senhores como Henrique “O Jovem Rei” levariam sua guarda pessoal pelos torneios em que participava, mas para aqueles que precisassem cuidar de suas terras, as viagens representavam um risco. No caso do cavaleiro mercenário, até mesmo Guilherme Marechal atuou como um, quando participou da comitiva que escoltava a Rainha Leonor da Aquitânia, mas com certeza era algo provisório que ele abandonou assim que possível (Duby, 1988, p. 110).

As gestas, canções e contos reservam a grande maioria das histórias para falar destes. George Duby informa que o poema de Marechal continha mais de “dois mil e quinhentos versos falando quase somente de torneios” (DUBY, 1988, p. 124). Este tipo de cavaleiro, assim como os demais, deveria ter ótimas habilidades marciais, mas o seu foco era em um combate simulado, com certo risco, mas destinado a impressionar o público. Uma alusão que podemos fazer nos dias de hoje, seriam as lutas das “artes marciais mistas”, particularmente o campeonato pela liga UFC. Os participantes treinam duro, com técnicas que poderiam matar um homem comum, mas a despeito da violência (com fraturas e muito sangramento), não se busca a morte do oponente. Hoje temos as mídias no lugar dos trovadores de antigamente, mas ambas com a mesma função: devem alardear as histórias dos lutadores, mostrando quão bons eles são. Tanto o cavaleiro de torneio como o lutador de UFC precisa de patrocínio, ou de um mecenas, se quiser continuar participando das competições. Esta aproximação fica mais evidente quando lutadores desta liga começam a participar de competições com referências históricas, como no campeonato chamado “Battle of nations”, onde os participantes representam um país. No caso da Inglaterra em específico, ao acompanharmos as dificuldades para se treinar, obter equipamento (como armas e armaduras) e até os custos de transporte, podemos observar como deviam ser as dificuldades na Idade Média.

As histórias do rei Arthur fazendo muito sucesso nos Séculos XII a XV, lá os torneios e justas faziam parte das histórias contadas nas cortes e salões de cavaleiros. Ali os combates tinham grandes destaques, estimulando os jovens lutadores a tentar seguir carreira. Não era fácil, pois, segundo as regras que conseguimos apurar, o cavaleiro ganharia o equipamento do adversário na vitória, mas também perderia o seu em caso de derrota (DUBY, 1988, p. 139). O material caro poderia garantir um período confortável ou encerrar sua carreira. As histórias, porém, ocupam mais espaço para falar dos “vitoriosos”, como é o poema sobre Guilherme Marechal, que desafiou três cavaleiros que o caluniavam, dizendo que poderia ser enforcado se perdesse (BARTHELEMY, 2012, p. 431).

### **3. 3. ARMAS E ARMADURAS**

O historiador Gerald Hodgett, em seu livro “História Social e Econômica da Idade Média” (1975) nos fala que ocorreu um crescimento econômico, nos Séculos XII e XIII. Um dos aspectos que ele aponta é a maior disponibilidade de ferro na Europa, incluindo a Inglaterra (HODGETT, 1975, p. 185). Isto tornou as armaduras um pouco mais acessíveis. Fazendo a ligação com o tema do trabalho: com melhor equipamento de proteção, os cavaleiros serão mais bravos e corajosos, características que serão a base da cavalaria (FLORI, 2005, p. 36).

Nesta parte, falaremos das diferenças dos equipamentos entre o século XIII e XV. Primeiro podemos dizer que o equipamento sempre será muito custoso, como diz Flori (2005, p. 79): “Podemos estimar que o custo total mínimo do equipamento completo, no século XII, corresponde a uns 30 bois e mais tarde torna-se ainda mais caro.”

A armadura do período se mostra muito importante, a despeito de variações de qualidade, para a prática de torneios. Mesmo sendo um combate “simulado”, o cavaleiro Guilherme tem problemas com seu equipamento. Em duas ocasiões ele tem seu elmo amassado: em Maine (1174) e em Pleurs. “O impacto é tão forte que ele é obrigado a procurar um ferreiro para desamassar seu elmo (afundado até o pescoço) e liberar sua cabeça da armadilha”. (BARTHÉLEMY, 2010, p. 423).

A evolução do equipamento cavalheiresco foi evidente a partir do Século XIII. Nos séculos anteriores as pinturas retratam guerreiros até utilizando armaduras e proteções (como a tapeçaria de Bayeux, retratada no livro “A Cavalaria”, de Barthelemy Dominique). Mas a partir de 1250, vemos o aparecimento de outros itens de proteção, como joelheiras e cotoveleiras. Sobre a evolução das armaduras, Flori (2005, p. 78) diz:

O peso da cota de malha, na época, não passa de uma dúzia de quilos, comporta dezenas de milhares de malhas, exige mais de uma centena de horas de trabalho de ferreiro e custa tanto quanto dois a três cavalos de guerra. Equivale dizer que fica reservado a uma elite. O capacete cônico (elmo) (...) no decorrer do Século XIII, se transforma em elmo cilíndrico fechado (...) antes de evoluir para o capacete com viseira e o bacinete nos séculos XIV e XV. A partir do século XIII a cota de malha é reforçada, no peito e nas articulações dos ombros, com placas de metal rígidas; ela evolui para a armadura de placas, que reúne pouco a pouco, por enlaçamento, essas diversas partes metálicas reforçadas, cada vez mais numerosas. Em meados do século XIV, surge a couraça compacta que faz surgir, no século seguinte, o grande *arnês branco*, armadura completa articulada que cobre totalmente o corpo e os membros (...).

As armas também sofrem modificações neste período de tempo, seja para serem mais eficazes contra a evolução do equipamento defensivo ou por inovações tecnológicas. A espada, que mede nos séculos XI e XII entre 90 e 100 cm e pesa entre 1,2 a 2 quilos, evolui também no mesmo sentido de chegar, no final da Idade Média, às grandes espadas de duas mãos utilizadas principalmente como armas de justas e torneios. A lança também se alonga e fica mais pesada. Ela mede aproximadamente 2,5m no Século XII, munida de um ferro largo na ponta para evitar uma penetração profunda demais que impedisse a recuperação da arma. Ela atinge 3,5m no século XIV, às vezes mais do que isso, depois pesando aproximadamente 15 quilos. É sustentada pela bainha da couraça e o braço praticamente só tem de dirigi-la. O escudo, em compensação, torna-se mais leve ao longo do tempo. No século XII, o escudo normando, em forma de amêndoa, afiliado na base, impõe-se largamente; conseqüentemente, assume formas mais concentradas, por vezes com chanfradura para permitir a passagem da lança, antes de se reduzir mais e desaparecer no decorrer do século XIV, quando as couraças oferecem proteção suficiente (FLORI, 2005, p. 78).

**Figura 3** - Reconstrução de armadura de anéis metálicos trançados



**Fonte:** o autor.

**Figura 4:** Armadura “Hauberk” feita com milhares de anéis metálicos, atualmente localizado no museu “Tower of London”



**Fonte:** GRAVETT, CHRISTOPHER. KNIGHT: NOBLE WARRIOR OF ENGLAND 1200-1600 P. 135

Para falar desta parte, iremos contar com o conhecimento produzido por Christopher Gravett, que já foi curador do “Royal Armouries” e do Museu “Tower of London”, atualmente curador do “Woburn Abbey”, em Bedfordshire, Inglaterra. O autor produziu série de livros pela Osprey Books, depois compilados sob o título: “Knight: Noble Warrior of England 1200 – 1600” que falam sobre os cavaleiros medievais da Inglaterra, tema deste trabalho.

Durante o decorrer do Século XII, o equipamento do cavaleiro variou pouco na Europa. Sua armadura era basicamente um tecido feito de anéis metálicos trançados que cobriam o corpo, numa peça chamada “Hauberk”. Seu formato lembrava um casaco de mangas com capuz e para proteger as pernas, ele utilizava uma calça feita também desta malha de anéis para proteger as pernas e algum tipo de elmo. A espada de uma mão, a lança e o escudo completavam o equipamento do cavaleiro (EDGE, 1988 p. 53).

No início do século XIII, ainda se utilizava o elmo de topo achatado, remanescente do Século XII, fechado no rosto, mas com abertura para os olhos e alguns furos para ventilação. Um exemplo deste elmo é mostrado na escultura de Carlos Magno, na “Aachen Cathedral”, feita entre 1200 e 1207, onde também podemos ver que era usada uma touca acolchoada junto com o elmo. Na década de 1220, o elmo assume uma forma um pouco mais cônica, saindo do formato cilíndrico anteriormente utilizado. Este tipo de elmo é chamado “greathelm” ou

“heaume”, (EDGE, 1988, p. 53) o primeiro nome, traduzido como grande elmo, pode ser porque ele era utilizado por cima de um elmo menor, para garantir melhor proteção.

**Figura 5:** elmo “greathelm”, atualmente no museu “für Deutsche Geschichte”



Fonte: EDGE, David; PADDOCK, John Miles. ARMS & ARMOR OF THE MEDIEVAL KNIGHT

A evolução do elmo prosseguiu lentamente e pelos próximos 20 anos, com a placa da face se prolongando em direção ao pescoço, para proteger melhor esta área. Apenas poucos exemplares sobreviveram e os melhores exemplos foram os encontrados em escavações arqueológicas em “Schlossberg bei Dargen”, na Pomerania e que agora se encontram no museu “für Deutsche Geschichte”, em Berlim. (EDGE, 1988, p. 53)

O formato da peça foi praticamente o mesmo até 1260, quando o topo começou a ser ovalado. Segundo as experiências com o uso deste elmo no grupo SCAM, esta mudança em seu “design” foi provavelmente para tentar desviar os golpes de espada de uma forma mais eficiente do que os topos chatos utilizados até então. Os manuscritos mostram vários destes elmos de topo achatado sendo fendidos por espadas e a bíblia “Maciejowski” tem especificamente vários desenhos mostrando guerreiros levando este tipo de golpe. O topo foi ficando cada vez mais ovalado e projetado, como visto claramente na gravura em bronze colocado no túmulo de Sir Roger de “Trumpington” na Igreja “Trumpington” em Cambridgeshire (EDGE, 1988, p. 53).

**Figura 6** - elmo construído pelo SCAM em 2012 com as bordas de reforço típicas do século XII.



**Fonte:** construído pelo autor.

No final do Século XII, o “greathelm” recebeu alguns enfeites. Eles tinham duas funções: primeiramente era uma forma do cavaleiro ostentar suas habilidades marciais, ao conseguir lutar com tal enfeite no topo do elmo, a segunda função era porque ajudava na identificação do mesmo: com o rosto totalmente escondido pelo elmo, o adereço ajudava a se diferenciar na batalha. O fato de que estes adornos não serem utilizados nos elmos abertos reforça esta teoria (EDGE, 1988, p. 53). Em geral, na Inglaterra esta peça é chamada de “Crest”, tanto que esta foi a notação utilizada por Edge e seu uso condiz com a ética cavalheiresca, uma vez que a identificação individual do cavaleiro permite que outros possam acompanhar as suas façanhas, tanto ao vivo, como para as histórias que serão contadas mais tarde.

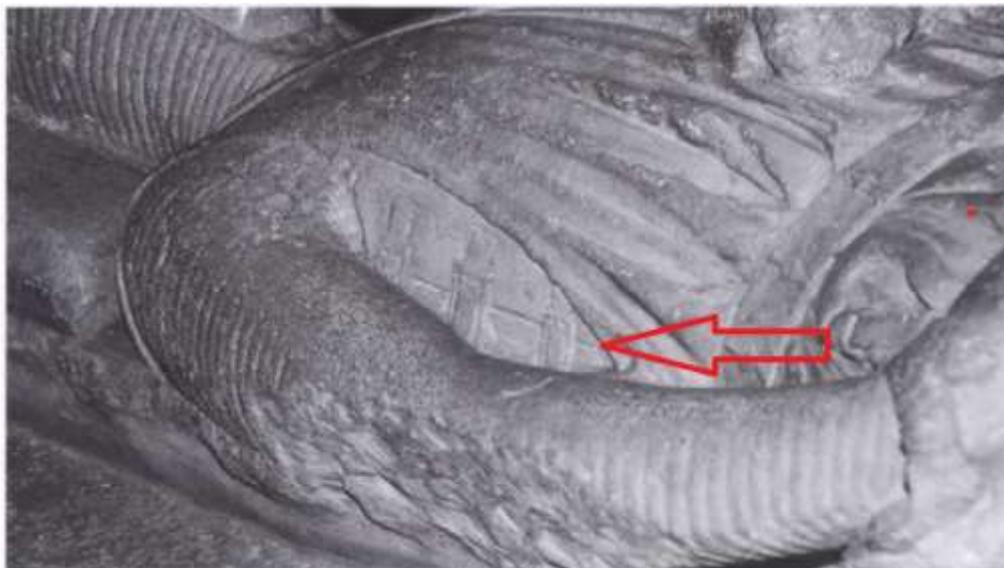
No Século XIII, novas formas de “Crests” surgiram: novas formas como animais estilizados e pássaros. Provavelmente feitas de materiais diversos, como penas, couro cozido e gesso, estas peças eram detalhadamente pintadas. Quando o elmo não possuía “crest” ele era adornado por uma coroa com um acabamento de acordo com o nível do cavaleiro (EDGE, 1988, p. 54). Um acabamento que poderia ser colocado no “greathelm” seria uma coroa de tecido enrolado, muito utilizado na Império Sacro-Germânico.

Elmos abertos continuaram a ser utilizados, embora seu formato tenha se alterado. O elmo cônico (seu formato lembra uma pontuda bala ou míssil moderno), que podia ter ou não um protetor nasal, continuou a ser utilizado até 1250, sendo substituído a partir de então por uma forma mais popular o elmo “basinet” ou “cervelière”. Ele tinha a vantagem de ter uma malha metálica, protegendo o pescoço, embutida no elmo, fornecendo uma melhor proteção. Ele podia ser utilizado, como dito acima, por baixo do “greathelm” ou usado sozinho, com uma touca acolchoada para proteção extra e conforto (EDGE, 1988, p. 55). O fim do Século XII trouxe também um novo tipo de elmo, chamado de “chapel de fer” ou “kettle hat”, ele recebeu o segundo nome porque seu formato lembra o de uma panela, que eles chamam de “kettle”. Além disso, a bíblia “Maciejowski”, uma versão da Bíblia do século XIII com iluminuras detalhadas, mostra vários destes “chapéus de ferro”. Ele podia ter dois formatos, o primeiro seria feito de uma chapa única de metal, forjada até chegar o formato desejado (este sistema só foi usado até o Século XIII), o segundo seria uma espécie de “quebra cabeças” de peças cilíndricas e curvas, rebitadas juntos para formar a peça. Este elmo, assim como o “basinet”, foram intensamente usados não só pelos cavaleiros, mas pelos soldados até o meio do Século XIV. Um dos motivos da popularidade deste elmo (principalmente entre a infantaria), eram porque eram principalmente eficazes nos cercos, pois as abas deste “chapéu de ferro” protegeriam de golpes e flechas vindos de cima, enquanto forneciam ainda uma excelente visibilidade (EDGE, 1988, p. 55).

A armadura “hauberk”, feita de anéis metálicos, era a proteção mais comum no fim do Século XII e ainda era muito usada no início do Século XIII, mas se antes ela simplesmente cobria o corpo, possuindo luvas (com um formato que lembra as luvas de cozinha), com uma abertura na palma (feita em couro), para passar as mãos e facilitar outras atividades além da luta, no meio do Século XIII, ela começa a receber reforços no pescoço, luvas de dedos separados, com a adição de pequenas placas de metal em partes onde se recebia mais impacto (EDGE, 1988, p. 56). Apenas a malha metálica (vamos chamar de cota de malha, um nome utilizado por Flori em seu livro “A Cavalaria”) era considerada proteção insuficiente e relatos do final do Século XII já relatavam o uso de proteções extras utilizadas em conjunto. Infelizmente não se tem referências exatas quanto ao formato destas proteções neste período, uma vez que esculturas e iluminuras do período normalmente retratam os cavaleiros utilizando túnicas e cotas de malha cobrindo o corpo, o que impede de visualizar estas possíveis proteções extras (EDGE, 1988, p. 53). Provavelmente elas foram feitas, no começo, de couro fervido, esta forma de enrijecer o couro através do calor costuma ser chamada de “cuir bouilli” e deriva do francês, onde a palavra “cuir” significa couro. Dois monumentos

ingleses mostram parte desta proteção, um deles está na “Temple Church” em Londres e outro na Abadia de “Pershore” em “Worcestershire” também com data da década de 1260. Ambas mostram uma forma de defesa rígida, com a parte frontal e das costas sendo afiveladas juntas na lateral do corpo, uma “brecha” na lateral da túnica, perto da axila, permite ver estes componentes (um grande detalhamento do artesão que esculpiu as estátuas). Esta peça também pode ser vista no “guarda dormindo”, uma escultura mostrando a ressurreição de Cristo de “Wienhausen”, agora localizada no museu “Provinzial” em Hanover (EDGE, 1988, p. 57).

**Figura 7:** mostrando as fivelas que prendiam uma couraça, possivelmente de couro



Fonte: GRAVETT, Christopher. Knight: Noble Warrior of England 1200-1600 p. 70

A busca constante por melhorias nos seus equipamentos expões a preocupação dos cavaleiros medievais com sua própria segurança, mostrando que embora ostentasse a sua classe guerreira, riscos eram eminentes nos combates e que ferimentos eram mais comuns do que as histórias nos contam. A própria cota de malha não é uma proteção tão boa. Embora ela pudesse impedir o corte, sua falta de rigidez não impediria ossos quebrados, hemorragias internas ou mesmo o desmaio em função da dor de um golpe forte. Principalmente ela não oferecia boa proteção contra um golpe de lança ou a ponta de uma flecha, pois a energia destas armas arrebentaria os poucos anéis de metal que iriam enfrentar a pressão na área atacada (EDGE, 1988, p. 57). Buscou-se uma solução para este problema através de dois caminhos: utilizando placas de material rígido (possivelmente couro no início, depois placas de ferro) e o uso de casacos, forradas com acolchoamento, utilizados por baixo da armadura.

Esta roupa “auxiliar” foi chamada de “gambeson”, “aketon” ou pour-points”. O “gambeson” seria usado como acolchoamento por baixo de toda a armadura, enquanto o “aketon” seria usado por cima e poderia ser feito de tecido grosso, eventualmente reforçado. O “gambeson” é citado como equipamento usado pelo soldado comum, citado em um documento da época, no exército de Eduardo I, da Inglaterra (EDGE, 1988, p. 56).

Usado por cima da armadura do cavaleiro, o “surcoat” era uma túnica que começou a ser utilizada de forma genérica a partir de 1210. Numerosas razões podem justificar o seu uso, ele podia ser usado para manter a armadura limpa, como sugeria um poema do período, “The Avowing of King Arthur”, outros sugerem que ele foi copiado dos Sarracenos, projetada para manter a armadura um pouco mais fresca, protegendo-a do forte sol da “Terra Santa”. Finalmente, ela pode ter sido adotada para facilitar a identificação do cavaleiro, já que nela normalmente eram pintadas as suas cores (EDGE, 1988, p. 58). No Século XIII, a forma deste “surcoat” apresentava vários modelos: sem mangas, mangas curtas ou mangas compridas, não existindo uma padronização, como nos uniformes atuais. Por volta de 1260, surgiram discos de metal cobrindo os cotovelos, uma área particularmente vulnerável, porém cotoveleiras só vieram a surgir no final do século. A partir de 1290 surgem numerosas referências sobre as proteções para as mãos, estas luvas reforçadas por placas de osso de baleia, costuradas sobre couro eram chamadas de “gauntlets”. As primeiras “gauntlets” feitas em aço se tem notícia a partir de 1296, embora a grande maioria dos cavaleiros ainda continuem utilizando luvas de cota de malha (EDGE, 1988, p. 59).

Outro item que surge no final do Século XIII são as ombreiras de material rígido, chamado de “spaulders”, a primeira proteção neste formato aparenta ser um retângulo (provavelmente de couro) que fica amarrado ao ombro, protegendo essencialmente de cortes laterais. A medida que os “spaulders” se desenvolvem, vão adquirindo formatos mais arredondados, mas neste período esta peça se mantém com uma aparência bem simples, diferente dos modelos utilizados no Século XV e XVI, onde são largamente trabalhados. As defesas para as pernas são importantes para os cavaleiros montados, pois esta área é particularmente vulnerável aos ataques dos infantes (EDGE, 1988, p. 60). Dois tipos de proteções são utilizados neste período, a primeira é uma calça ou meia calça feita de malha metálica. Elas protegem as pernas de golpes, possuindo um solado de couro para não escorregar. Supõe-se que eram presas por um cinto para que não caíssem por conta de seu peso. A outra solução era uma proteção de cota de malha apenas na frente, com as bordas da malha costuradas ou amarradas a calça (EDGE, 1988, p. 60) Pelo meio do século XIII, surgem peças de reforço, chamados de “poleyn”, para proteger os joelhos. Estas peças eram

presas a armadura já existente, através de cordas ou tiras de couro. Esta peça aparece na lista de suprimentos de armadura do filho de Eduardo I, o príncipe de Gales Eduardo (depois Eduardo II) e de João, Duque de “Lancaster”, em campanhas na Escócia em 1299. (EDGE, 1988, p. 60).

No século XII, o Cavaleiro deu preferência ao escudo em formato de uma gota alongada, excluindo todos os outros modelos. No século XIII, porém o escudo começa a ficar achatado no topo, além de não ser mais tão curvado, ele adquire um formato mais triangular (EDGE, 1988, p. 61). Estas mudanças aconteceram provavelmente, pela melhor proteção que o “greathelm” oferecia ao rosto, permitindo um escudo menor e mais leve. Ele também foi ficando menor, supostamente à medida que proteções rígidas para o corpo e pernas foram ficando melhores. Foi neste século que o escudo começou a ser pintado com o brasão do cavaleiro ou de seu senhor (EDGE, 1988, p. 61).

**Figura 08:** equipamento de um cavaleiro medieval no século XIII, mostrando o surgimento de peças rígidas que serão utilizadas nas armaduras dos séculos posteriores



**Fonte:** GRAVETT, CHRISTOPHER. KNIGHT: NOBLE WARRIOR OF ENGLAND 1200-1600 P. 93

Estátuas inglesas do século XIII mostram cavalos cobertos com um “surcoat”, assim como o seu cavaleiro. Usando a mesma tecnologia da armadura de seu dono, ele poderia ser coberto pela malha metálica, mas os altos custos para uma armadura do tamanho do cavalo, limitou a quantidade de pessoas que poderiam pagar por este item. Assim muitos eram cobertos apenas por uma lona resistente ou couro. No meio do século, uma proteção para a cabeça de cavalo o “chanfron” foi desenvolvida. Feito primeiro de couro, no final do século já era feito de ferro ou aço (EDGE, 1988, p. 62).

As armas dos cavaleiros século XIII sofrem mudanças para se tornarem efetivas contra adversários cada vez mais protegidos. A lança manteve seu design, mas a introdução de armaduras de corpo mais sólidas e o uso do “greathelm”, diminuíram a eficácia da espada do cavaleiro. A necessidade de aumentar o poder de corte, fizeram surgir espadas mais longas e mais pesadas, chamadas de “espadas de guerra”, equipadas com guardas mais resistentes e projetadas. O pomo (arredondado ou em outras formas), ajuda a equilibrar a arma. Uma empunhadura um pouco mais longa permite que a espada seja usada com as duas mãos. Estas laminas normalmente tem algo entre 101 a 106 cm, com um friso central para reduzir o seu peso (EDGE, 1988, p. 62). Como podemos ver, neste século surgem muitas mudanças e novos equipamentos que serão aperfeiçoadas nos próximos. Uma das principais é a espada de duas mãos que surge no final deste período. Outra é a “falchion”, parecida com um “facão” moderno. Estas laminas tem um alto poder de ataque, ganhando popularidade (EDGE, 1988, p. 62).

A lança desta época não tem muitas alterações, quando comparada com as usadas no século XII. O cavaleiro também usa vários tipos de armas, desde as longas de duas mãos, até as de uma mão, ou mesmo mais curtas, como a maça. O machado geralmente tem uma cabeça pesada e mede algo entre 1,20 a 1,50m. A maça, arma conhecida desde a antiguidade, começa a ganhar popularidade entre os cavaleiros porque consegue vencer as defesas das armaduras. Medindo em geral 1m, com uma cabeça de bronze ou ferro, também existiram versões maiores usadas com as duas mãos (EDGE, 1988, p 63).

Devido aos diversos conflitos que aconteceram no final do século XII-XIII e também por conta das experiências nas cruzadas, o soldado comum começou a ser mais organizado e melhor equipado. Como exemplo podemos citar Ricardo I que, mesmo sendo considerado um experiente cavaleiro, foi ferido fatalmente no cerco a “Le Mans” em 1199 por um projétil disparado de uma balestra por soldado comum (EDGE, 1988, p 64). O “crossbow” também chamado de balestra ou besta, era uma arma de ataque a distância que foi ganhando popularidade na Europa. Este equipamento foi ficando mais poderoso no decorrer dos séculos

e normalmente era feito de camadas de madeira, tendão e chifre de animais, coberto com couro ou casca de árvore.

**Figura 09** - réplica construída pelo SCAM.



**Fonte:** construída pelo autor.

O crossbow no século XIII tinha um “estribo” (apoio para os pés), preso ao corpo da arma, assim o besteiro ou “crossbowman” podia ter um apoio firme enquanto puxava a corda com o auxílio de um gancho, preso ao cinto (EDGE, 1988, p. 65). Nas campanhas de 1282, Eduardo I usou uma grande quantidade de besteiros ingleses e gascões, mas seu caiu bastante: em 1292, havia o registro de apenas setenta no exército. Isto aconteceu muito provavelmente porque no final do século, uma nova arma começou a ser adotada na Inglaterra: o arco longo. (EDGE, 1988, p. 65).

Na Inglaterra, um documento chamado “Assizes of Arms”, tem uma parte chamada, o Julgamento de 1242, onde fala do equipamento mínimo exigido de cada classe, possuindo ilustrações contemporâneas nos permitem teorizar como seria o equipamento do homem comum. Eles não eram fortemente protegidos como os cavaleiros, dispoendo essencialmente de dois tipos de proteções: “hauberk”, um casaco comprido que ia até os joelhos, com touca para cobrir a cabeça ou um “haubergeon” mais parecido com uma camiseta de manga curta (ambos seriam feitos de anéis metálicos). O elmo “chapéu de ferro” era geralmente usado com ambos. A infantaria não utilizava nenhum tipo de proteção na perna, pois isto poderia diminuir o seu deslocamento e a mobilidade no campo de batalha (EDGE, 1988 p. 65).

**Figura 10:** Armadura reconstruída a partir de referências da segunda metade do Século XIII



Fonte: Construído pelo autor

A Bíblia “Maciejowski” mostra estas duas proteções sendo usadas individualmente ou em conjunto. Era muito comum durante todo o século XIII entre soldados de infantaria. No caso dos mais pobres, ou no caso dos camponeses chamados à guerra pelo direito feudal, eles teriam que entrar na batalha completamente desprotegidos; na verdade isto foi comum até o Século XV, como no caso do arqueiro inglês que participou da Batalha de Agincourt em 1415. Sua única defesa era um pequeno escudo redondo de aproximadamente um pé (cerca de 30 centímetros) de diâmetro (EDGE, 1988, p. 66).

As armas e armaduras no Século XV retiraram o ideal de cavalaria dos campos de batalha. Quando falamos das armas, não nos referimos apenas aos equipamentos, mas aos seus novos usuários. Segundo Edge (1988), durante o século XV o cavaleiro era cada vez mais confrontado por soldados disciplinados e melhor equipados profissionais que estavam armados com uma variedade de armas capazes de derrotar o mais bem treinado e equipado cavaleiro: o suíço com suas alabardas (uma arma comprida de aproximadamente dois metros), o Inglês com seu arco longo, o francês com suas glaives (arma de origem camponesa, também de dois metros e com ganchos para puxar o cavaleiro ao chão).

Estes homens estavam fora do código de cavalaria e não eram considerados dignos adversários pelo cavaleiro: se derrotados eles eram simplesmente mortos. Antes da Batalha de “Agincourt”, o francês Carlos VI prometeu que ele iria cortar os dedos da mão direita de cada arqueiro inglês que ele capturasse. Para esses homens o código de cavalaria significava pouco ou nada; sua única ideia era derrotar o seu inimigo para sobreviver e se possível capturar alguém rico para pedir resgate. A alabarda e glaive, armas longas com pontas de metal, poderiam ser usados não apenas para quebrar as placas de uma armadura, mas para tirar um cavaleiro da sela. A pólvora deixava o cavaleiro vulnerável, com a mesma chance de ser morto como o soldado comum, a medida que as armas usando este material ficaram mais eficientes e comuns, as armaduras se tornariam mais obsoletas, assim com o castelo (EDGE, 1988, p. 97). Este século é marcado pelo aumento da utilização de artilharia no campo, e canhões não têm respeito pela hierarquia, assim a cavalaria era confrontando com a realidade da morte, como um soldado comum, tornando cada vez mais difícil sustentar seus ideais de cavaleirescos (EDGE, 1988, p. 97). A derrota dos exércitos da França em três grandes batalhas contra o exército inglês (e seus arqueiros) Crecy em 1346, Poitiers, em 1356, e Agincourt em 1415, mostrou diretamente a falha da nobreza da França em aprender com suas derrotas, em reparar que o soldado de infantaria era um adversário digno e até mesmo perigoso. Foi apenas em 1437 que Charles VII finalmente começou a levantar um exército mais profissional, abandonando a estrutura dos exércitos feudais baseados em status social (EDGE, 1988, p. 97). O século XV viu a reorganização dos exércitos da França e Borgonha em forças profissionais de combate estabelecidas com sua composição, armamento, salário, organização e disciplinas próprias. No exército da Borgonha, uma nova lei (a portaria de Abbeville, de 31 de julho de 1471), eliminou a distinção entre os cavaleiros, nobres e homens de armas, dando a eles o mesmo pagamento, independente do status social (EDGE, 1988, p. 98). Edge (1988) afirma que a disciplina foi rigorosamente aplicada em muitos exércitos, especialmente no exército que Henrique V levou a França para a campanha de Agincourt (para o qual ele escreveu nada menos que 34 decretos). À medida que os ideais da cavalaria encontravam menos lugar no campo de batalha, eles foram transferidos para o campo de torneio e quando a realidade da guerra se tornou evidente brutal, o mito da cavalaria cresceu. Cada vez mais, a nobreza e os reis da Europa competiram no esplendor opulento de suas ordens de cavalaria, buscando os ideais da cavalaria. Cada vez mais era difícil aplicar o código, como foi o caso de Henrique V que, mesmo sendo lembrado como um dos reis mais cavaleirescos e honrados, teve a necessidade militar de matar prisioneiros desarmados em Agincourt (EDGE, 1988, p. 98).

O século XV testemunhou o divórcio final do romance e ideal da cavalaria, da fria realidade da guerra. (EDGE, 1988, p. 99) A medida que os equipamentos foram se desenvolvendo e ficando mais acessível a outros guerreiros, não sendo mais exclusividade dos cavaleiros, eles perdiam cada vez mais espaço no campo de batalha. Seguiremos o texto falando dos equipamentos e de suas características

Desde o início do século XV, os “*crests*” dos elmos caíram em desuso, sendo gradativamente substituídos por uma pluma de penas (EDGE, 1988, p. 121). O elmo “chapéu de ferro” era uma alternativa em relação ao extremamente popular ao elmo “*basinet*” durante o início do século XV, sendo feito invariavelmente de uma única peça. Outra forma de capacete que era comum em armaduras germânicas foi o “*sallet*”. Ele provavelmente teria derivado de uma das muitas formas de “*basinet*” século XIV, e apareceu pela primeira vez na Itália, já em 1407, onde era conhecido como “*celata*”. De lá, ele foi produzido na França e Borgonha a partir de 1420, chegando à Inglaterra e o resto da Europa Ocidental cerca de uma década mais tarde (EDGE, 1988, p. 99). Desta forma podemos ver que o equipamento inglês estava sujeito a diversas influências. Este modelo, comparado com o *basinet*, é um pouco mais fresco e ventilado, principalmente na nuca, o que tornaria o uso de armadura numa estação mais quente, um pouco mais confortável. Embora o “*basinet*” seja mais justo e pareça oferecer melhor proteção contra estocadas na nuca, o “*sallet*”, pela distância que fica da cabeça, somada a sua aba na parte detrás pareceu segundo nossos estudos, mais eficiente para proteger esta área de golpes descendentes de alabardas ou projéteis.

A forma típica germânica do “*sallet*” provavelmente evoluiu de uma combinação do elmo “chapéu de ferro” nativo germânico com o “*celata*” italiano. “*Sallets*” eram raros no Império Sacro-Germânico até 1460, sendo que os primeiros tinham a forma típica usada no resto da Europa Ocidental. A partir de então os modelos germânicos se tornaram geralmente maiores e com uma “crista” mais projetada, com uma cauda longa inclinada para baixo na parte de trás e pode ser dividido em dois grupos distintos: aqueles que usavam uma “meia” viseira, que protegia a região do nariz e lábio superior, sendo a própria borda do capacete a proteção na testa (no geral com um reforço de formato triangular), ou visor inteiriço feito de uma peça só, com fendas para os olhos (EDGE, 1988, p. 100). Eles podiam ser descritos como “enegrecidos”, ou seja, saíram diretamente do calor da forja para uso, não sendo lixados ou polidos. Algumas vezes, eles eram cobertos com tecidos ou tinham desenhos heráldicos pintados, (existe um exemplar destes no “*royal armouries*”).

Ao longo do século XV, o “*sallet*”, especialmente no noroeste da Europa, foi acompanhada por um “*bevor*” esta peça era feita de aço, com a forma do queixo do usuário,

que protegia a frente do rosto e o pescoço, indo geralmente até um pouco abaixo ou acima do nariz, e foi equipado com uma ou mais placas articuladas. O “bevor” foi mantido no lugar por uma cinta de couro que passou em volta da parte detrás do pescoço do usuário (EDGE, 1988, p. 100).

As proteções de peito, chamadas de couraça ou “*cuirass*” recebiam grande influência dos modelos produzidos na Itália, de forma que até 1420 havia poucas diferenças entre a couraça germânica e as produzidas por outros locais da Europa. Em 1420 apareceu um modelo novo, hoje conhecida como couraça da “*Kastenbrust*”. De aparência moderna, ele tem a parte do superior do peito inclinada para fora, enquanto a parte debaixo é mais anatômica. Ambas as partes articulam entre si, dando grande mobilidade ao usuário. A “*Kastenbrust*” também era equipada com um apoio para a lança, do lado direito. Esta peça era uma característica das armaduras germânicas até a segunda metade do século XV (EDGE, 1988, p. 100).

**Figura 11:** no século XV, a armadura de placas de aço cobre o corpo todo, como nesta efígie de Sir Giles Daubeney (morto em 1446)



**Fonte:** GRAVETT, Christopher. Knight: Noble Warrior of England 1200-1600 p. 155

A partir de 1450, a tendência dos fabricantes foi produzir uma armadura mais estilizada, com placas de metal frisadas, com decorações nas bordas. Sua cintura era muito delgada e a couraça ficou mais curta, mal cobrindo os quadris, assim utilizava-se proteções de coxas mais longamente projetadas (mas nem sempre), para proteger esta área (EDGE, 1988, p. 101). A proteção das costas consistiu de uma placa superior, com uma placa de reforço rebitada para defender a junção da base do pescoço e ombros. Na região da base da coluna, haviam chapas articuladas de forma a formar uma pequena “cauda” projetada, para proteger a região da bacia. Este tipo de armadura tipifica o modelo gótico germânico e durou até o final do século. De acordo com Edge (1988), os exemplos mais conhecidos são duas armaduras feitas por “Lorenz Helmschmied” que estão no museu “Waffensammlungen”, em Viena, para a arquidukes “Sigismund” do Tirol e Maximiliano (mais tarde Imperador do Sacro Império Romano).

Se em 1450 podíamos ver claramente as diferenças entre uma armadura com influências góticas ou milanesas, também podemos ver características híbridas nas armaduras da segunda metade do século XV. Em 1420, um cavaleiro germânico teria usado um par de ombreiras simples (chamadas “*spaulder*”), com um topo arredondado, com chapas laminas descendo dela em direção ao cotovelo, estas peças seriam presas por tiras de couro escondidas por dentro da armadura. Uma cotoveleira em forma de concha seria atada no “*gambeson*” (ou gibão). Placas de aço semicilíndricas protegeriam o antebraço. Um disco, chamado de *besagew*, iria proteger a área entre a ombreira e a couraça. A partir de 1450, era comum que ombreira fosse rebitada junto com a proteção do antebraço (EDGE, 1988, p. 104).

**Figura 12:** Richard Beauchamp, morto em 1450. Pode se observar as ombreiras e a couraça com características italianas



Fonte: GRAVETT, Christopher. Knight: Noble Warrior of England 1200-1600 p. 158

**Figura 13:** Armadura reconstruída utilizando referências da primeira metade do Século XV



Fonte: construída por membros do SCAM

Neste momento apareceu um novo tipo de defesa para o ombro, onde a ombreira era ampliada, para cobrir a parte da frente e detrás da armadura, chamada agora de “*pauldron*”. Depois de 1470 ela ganhava linhas mais italianas, com as partes traseiras da ombreira ampliadas para formas semelhantes a asas (EDGE, 1988, p. 104). As luvas eram todas construídas em placas de aço articuladas, com reforço nas juntas dos dedos. As pernas são as peças que sofrem menos alterações entre os séculos XIV, também possuindo características em comum. A proteção de coxa é chamada de “*cuisse*”, as joelheiras de “*poleyn*” e, diferente do século XIII, possuem “asas” na lateral externa para proteger de golpes laterais. Estas peças tinham chapas articuladas para permitir os movimentos e diminuir as brechas que existiam nos primeiros modelos. Para completar o conjunto, os cavaleiros usavam sapatos de metal articulados com um bico pontiagudo, chamados de “*escarpes*” ou “*sabatons*” (EDGE, 1988, p. 104).

Um dos grandes momentos da ruptura entre a armadura e a sua função primária de proteção pode ser vista a partir de 1480, quando os “*sabatons*” seguindo a moda contemporânea germânica tem “bicos” tão projetados que tem de ser retirados, caso o usuário queira lutar a pé (EDGE, 1988, p. 104).

A região onde atualmente fica a Itália, especialmente a Lombardia, era o outro grande centro de manufatura de equipamentos medievais. Talvez o mais importante se formos considerar o volume de produção, principalmente a grande cidade de Milão. Foi para Milão que em 1389 o conde de Derby, depois Henry IV, enviou mensageiros a Gian “Galeazzo Visconti”, para solicitar uma armadura para seu duelo com Thomas “Mowbray”; além de fornecer esta armadura, Visconti enviou quatro dos melhores armeiros da Lombardia para armar o Earl. Talvez a mais famosa familiar de armeiros mercantes de Milão foi a “Fetto Negrone” de “Ello Missaglia” (EDGE, 1988, p. 105).

**Figura 14:** armas e armaduras típicas de um cavaleiro de 1450, nota-se a ausência de escudos e aumento de armas para uso com as duas mãos



**Fonte:** GRAVETT, Christopher. Knight: Noble Warrior of England 1200-1600 p. 179

As armaduras medievais da região de Milão foram amplamente usadas em toda a Europa, ganhando mais popularidade do que as do Império Sacro Germânico no Século XV, além de se diferenciarem de várias maneiras: enquanto alguns artesões favoreciam as linhas góticas em suas peças, com friso metálicos e pequenas peças interpostas, os armeiros da região de Milão produziam peças com design mais arredondado, liso que davam às suas armaduras uma aparência utilitária e robusto. Esta impressão ficava mais evidente pelo fato de que as armaduras serem mais fortemente reforçadas no lado esquerdo (EDGE, 1988, p. 105). O “*basinet*” foi raramente visto na Itália após 1420, assim como o “chapéu de ferro”. Os dois tipos mais importantes de capacete fabricados na Itália foram os “*armet*”, “*celata*” ou “*sallet*”. O “*armet*” foi derivado do “*bacinete*” ou “*basinet*” e consistiu de uma peça com o formato craniano, com abas laterais articuladas, que se fechavam a frente do queixo. A nuca era protegida por uma “cauda” que saía do topo em direção ao pescoço. Uma viseira articulada, destacável por conta de pinos na lateral do elmo protegia a região do rosto. Os primeiros “*armets*” possuíam um avental de malha metálica cobrindo o pescoço e no início da década de 1440, ele apresentava uma ligeira “crista” na parte de cima. Uma chapa triangular reforçava a região da “testa” do elmo. Na nuca foi rebitado um disco de aço, chamado de “*rondel*”, para dar proteção adicional. A partir de 1450, ele recebia uma chapa extra na região da mandíbula

e nariz, reforçadas por chapas articuladas para proteger o pescoço. Este reforço era preso por uma tira de couro no elmo. O “*armet*” foi um elmo popular até o século XVI. (EDGE, 1988, p. 106).

Desde os primeiros anos do século XV, até por volta de 1420 os designs da armadura completa de batalha (normalmente conhecida como “*White Armour*”) foram evoluindo na Itália lentamente. Um exemplar preservado em “*Churburg*”, que data aproximadamente de 1420, é composto por uma couraça globular que chega até a cintura, sobreposto por uma “*plackart*” ligado por correias e fivelas de couro, já apresenta os componentes que serão utilizadas nas couraças do século XV. Depois de 1425, estas peças possuem dobradiças do lado esquerdo, articulando a armadura para o usuário possa entrar dentro do equipamento, sendo mantidas fechadas por fivelas do lado direito (EDGE, 1988, p. 106). A “*plackart*” no começo era apenas uma peça triangular que ficava na altura do “umbigo”, servindo de “cabide” para prender as placas horizontais que protegiam o quadril, mas no decorrer do século esta peça vai “crescendo”, até chegar quase ao pescoço em 1490, atuando como uma segunda proteção à chapa da couraça. No século XVI, a couraça passa a ser feita de uma peça única (EDGE, 1988, p. 107).

Uma das principais características das armaduras da região de Milão eram as defesas de braços e ombreiras feitas em placas de ferro. Até 1420, a principal defesa do ombro era a malha metálica, mas no final da segunda década, apareceram ombreiras, geralmente maiores do lado esquerdo. Estas peças foram ficando maiores no decorrer do século XV, apresentando um aspecto mais arredondado depois de 1440. Reforços foram adicionados, normalmente presas por um pino projetado da armadura, eles eram adicionados nas ombreiras e no braço esquerdo (EDGE, 1988, p. 107).

As luvas de metal, ou “manoplas” eram iguais ao restante da Europa até 1420, quando então adquiriram um aspecto mais regional, em 1440 as manoplas de dedos juntos, chamadas de “*miten*” eram uma característica das armaduras italianas. Este sistema, parecido com o de um tatu, protegia até a ponta dos dedos. As pernas, como dito anteriormente, tiveram poucas mudanças em relação aos do Século XIV (EDGE, 1988, p. 108). Mesmo assim, eram muito mais eficazes do que os modelos de tecido e malha metálica usados no Século XIII, principalmente para cavaleiros, onde as pernas era um alvo para a infantaria adversária. Elas em geral eram de placas de aço, com chapas articuladas e a despeito de algumas modificações regionais, prosseguiram quase sem alterações, demonstrando que deviam cumprir bem a sua função.

Ao longo do século XV, a região onde atualmente fica a cidade de Milão, forneceu armaduras para o resto da Europa, com as rotas de comércio se reunindo em Flandres. Aqui se encontravam conjuntos de armaduras com características híbridas, (EDGE, 1988, p. 110). Armaduras desse tipo são comuns em efígies mortuárias inglesas a partir do meio do Século XV, podendo representar peças feitas por armeiros locais, ou por importação. Foi utilizando armaduras com estas características, que a nobreza da Inglaterra lutou e morreu em confrontos como a Guerra das Rosas. Esta informação aparece na carta escrita a Sir John “Paston” em 28 de agosto de 1473 por um “Rondelle Martin”, que se assinou como armeiro do “Monsire le Bastard” de Borgonha. O texto fala sobre uma armadura e um elmo que “Paston” estava interessado. Martin informava que não poderia passar o preço até saber mais detalhes sobre o que o seu cliente queria. Não sabemos se está operação foi concluída, mas temos outras informações, como outra carta de 10 de agosto de 1483 onde Sir Howard pagou seis xelins e quatro *pences* para o armeiro de Flandres por um conjunto de pernas de armadura (EDGE, 1988, p. 110). Ao longo do século XV cavaleiros ingleses usavam armaduras que se seguiram a moda milanesa em muitos aspectos. Quadros mortuários feitos em bronze ou latão, normalmente colocados em cima dos túmulos dos cavaleiros das três primeiras décadas do século, mostram couraças que terminam na cintura com um comprido “*fauld*” (espécie de “saia” feita de chapas horizontais de aço) de seis ou mais laminas, acompanhadas de um grande “*basinet*”, com “*besagews*” e com cotovelleiras e joelheiras com asas curvadas. Estas armaduras seriam as que encontraríamos na batalha de Agincourt (1415). Segundo Edge (1988), testamentos e inventários ingleses, a partir década de 1440 frequentemente mencionavam armaduras importadas e a partir disto e de cartas do período, é possível ver que os cavaleiros e os grandes nobres procuravam armar suas parelhas com bons equipamentos, conforme carta escrita por John “Paston” a seu irmão no ano de 1473.

Até a década de 1450, era muito comum o cavaleiro inglês continuar a usar o grande “*basinet*”, sendo as representações de “*armets*” muito raros, embora a estátua mortuária (efígie) de Richard “Beauchamp” o mostre equipado com este tipo de elmo. A partir de 1450 a forma mais comum de capacete na Inglaterra foi o “*sallet*”. Estes muitas vezes têm um formato arredondado, com uma pequena crista no topo e uma chapa triangular de reforço na altura da testa. Além disso, a armadura Inglês, tipificada pelas efígies de Sir William “Harcourt” na Igreja “Aston”, os “Fitz Herberts” na Igreja “Norbury” Igreja, e Sir “Hungerford” na abadia de Tewkesbury, inclui uma luva que certamente não era a popular milanesa (EDGE, 1988, p. 114).

A partir de 1430 ficou cada mais incomum utilizar um *hauberk*, ou o casaco totalmente feito de anéis metálicos, por baixo da armadura. Em vez disso, pequenos pedaços desta malha eram presos na roupa acolchoada que ia por baixo da armadura, chamada de “*doublet arming*”. Geralmente protegiam a juntas e partes da armadura onde se necessitava de mais mobilidade, como o pescoço. Outras áreas cobertas seriam as axilas, articulações do cotovelo e uma saia que poderia chegar do topo das coxas até quase os joelhos (EDGE, 1988, p. 116).

Embora as couraças tinha aparecido pela primeira vez na última metade do século XIV, pelo meio do Século XV elas eram extremamente comuns, sendo usadas por todas as classes de soldado, como se pode ver a partir das contas domésticas de Sir Howard nos anos 1461-1470, segundo Edge (1988), as couraças provinham de seus próprios arsenais pessoais. Elas também eram usadas como uma armadura leve por homens que não esperavam ir para a batalha, ou que estivessem viajando em um lugar não muito amigável, mas que não era uma país abertamente hostil (EDGE, 1988).

Para os cavaleiros que não tinham acesso (ou recursos) à couraça, a brigandina era uma alternativa funcional. Basicamente era uma armadura feita de pedaços de metal, rebitadas em um tecido grosso ou couro. No século XV, as brigandinas eram cinturadas e lembravam roupas (EDGE, 1988). A vantagem é que ela pode ser construída usando quaisquer pedaços de metal disponível e justamente por isto, podemos encontrar estas armaduras não apenas na Inglaterra, mas em países distantes como a China.

As armaduras e armas haviam se desenvolvido a tal ponto que tornou o escudo, um estorvo desnecessário no século XV, deixando de ser usado por cavaleiros quando eles não estavam participando de justas. Continuou sendo usado apenas por soldados de infantaria, embora este estilo de luta tenha sobrevivido na Inglaterra até o período elisabetano. Besteiros, usuários de armas de fogo portáteis e ocasionalmente arqueiros utilizavam ainda os “*paveses*”, grandes escudos retangulares que forneciam proteção durante o cerco à castelos (EDGE, 1988, p. 121).

No século XV, a espada ainda era carregada na cintura, preso por um cinto. Assim como nos séculos anteriores, do lado direito se carregava uma adaga como arma auxiliar ou para dar o golpe final, de “*misericórdia*”. Agora, porém, ela tinha um formato triangular, projetada principalmente para perfurar malha metálica, não possuindo corte (EDGE, 1988, p. 125).

A lança ainda era muito usada no combate montado, mas ficou maior que os modelos anteriores, ela recebeu uma proteção circular que ficava perto da mão que empunhava a arma,

mas o escudo como dito acima caiu em desuso. Com as duas mãos disponíveis, houve o aumento de uso de machados e de alabardas. Existiram vários tipos de combinação, com as cabeças em formato de martelo, machado ou picareta (EDGE, 1988). O aumento de armaduras mais resistentes também pode ter feito o caminho inverso, tornando necessário o uso de armas com as duas mãos, para ter a força fundamental para derrotar este tipo de proteção. Segundo pudemos comprovar na prática do combate medieval, armas mais robustas são necessárias para atravessar as placas de aço de uma boa armadura.

Os primeiros canhões tinham o formato de vasos, feitos de bronze fundidos e disparavam flechas largas (EDGE, 1988). Ainda não tinham aplicação em campo, mas o seu barulho assustaria as formações adversárias deixando-as confusas. Na penúltima década do século XV, enormes canhões de ferro começaram a aparecer, construídos no início do mesmo modo que barris, com estruturas laminadas presas por aros. A estrutura toda era aquecida e depois martelada, até que os aros se fundisse ao corpo da estrutura. Existiram vários tipos de canhão com pesos diferentes. Por exemplo o grande “Ghent Bombard”, também conhecido como “Dulle Griet”, construído pelo duque de Borgonha, tinha cerca de dezoito pés (5.49m) de comprimento, poderia disparar um projétil entre 800-900 libras, utilizando uma carga de pólvora de cerca de setenta libras. Os canhões podiam disparar bolas de pedra ou ferro. As de pedra eram mais barato para produzir e exigia menos em pólvora, mas era menos eficaz contra fortificações. Canhões ou “*Bombards*” necessitavam de toda uma estrutura para transportá-los, além dos cuidados com suas munições e pólvora, mas medida que foram se desenvolvendo modelos menores e mais eficazes, foram adotados em grandes quantidades pelos exércitos da Europa (EDGE, 1988, p. 133).

Se o canhão medieval teve efeito destrutivo, foi principalmente na sua temível reputação, o grande barulho, junto à fumaça e o mau cheiro do pó deve ter tido um efeito muito desmoralizante sobre um inimigo que nunca tivesse visto este dispositivo antes (EDGE, 1988). No entanto, as armas eram perigosas; eles podiam explodir ou recuar, matando ou mutilando os artilheiros. Foi desta forma que o rei James II da Escócia foi morto por seu próprio canhão no cerco a “Roxburgh” em 1460. Outras vítimas foram John Talbot conde de “Shrewsbury”, foi morto na Batalha de Chastillon em 1453 (EDGE, 1988, p. 133). Os canhões e armas de fogo tornaram o risco da morte igual tanto para o cavaleiro medieval como para o soldado comum, erradicando o ideal cavalheiresco do campo de batalha.

Indiscutivelmente a arte do armeiro atingiu o seu apogeu no século XV. Seus maiores expoentes foram os “Missaglia Negroni” de Milão e a família de “Augsburg”. Com armaduras cuidadosamente fabricadas e ajustadas individualmente, eles conseguiam controlar a

espessura do metal para reforçar os pontos mais vulneráveis. Geralmente uma boa armadura era reforçada do lado esquerdo. O peito era mais reforçado do que as costas, sendo o mesmo princípio adotados nos elmos. Se nem todos podiam encomendar armaduras de alta qualidade, buscavam alternativas, como armeiros menos conhecidos (EDGE, 1988, p. 135). Sabemos, por exemplo, que em 1441 Sir John “Cressy” comprou uma armadura de Milão por oito libras, seis xelins e oito pence, e em agosto de 1469 o Lorde John “Howard” paga a um Thomas “Armerer” de Londres, para que ele faça uma armadura. Estes equipamentos também poderiam ser comprados em feiras de comércio, ou daquelas que se formavam por causa dos torneios. Em 1435 Felipe “o Bom”, Duque de Borgonha, comprou 48 “*hauberks*” em uma grande feira em Antuérpia (EDGE, 1988, p. 135). Era comum que nobres e reis estocassem armas e armaduras para equipar seus seguidores; os itens de armadura eram adquiridos de forma separados e distribuídos da mesma forma. Além dos grandes centros produtores de armadura como Milão, havia pelo menos setenta e três armeiros conhecidos em Bruxelas. Além disso, os principais centros de produção de armaduras do século XIV continuaram a prosperar bem no XV. Lorde Howard comprou armaduras de Londres, o registro de suas contas está cheio de pagamentos efetuados para brigandinas ao preço aparentemente padrão de dezesseis xelins e oito pence em Londres, Southwark e Ipswich. De acordo com Edge (1988), as armaduras necessitavam de manutenção e o registro comenta que este serviço custava uma dúzia de pences. Para evitar ferrugem, a armadura precisava ser mantida engordurada ou pelo menos, oleada. Quando não estava em uso, ela podia ser pendurada em armários, ou ser mergulhada em um barril com uma mistura de feno e óleo. Com o aumento das armas de fogo, elas começarão a dominar o campo de batalha nos séculos posteriores, vindo a modificar totalmente o modo de construção das armaduras (EDGE, 1988).

## 4. CAPÍTULO III: MUDANÇAS NO IDEAL DA CAVALARIA: RESPONDENDO PERGUNTAS

### 4.1. DIFERENÇAS ENTRE O SÉCULO XIII E O XV

Nesta parte, buscaremos verificar as diferenças entre os cavaleiros do Século XIII e XV, através de seus treinamentos, armas e armaduras.

#### 4.1.1. TREINAMENTOS

Ao estudarmos os treinamentos de escudeiros e cavaleiros na Idade Média, sempre existirão lacunas que tornam difícil comparar com exercícios feitos em nosso tempo. Felizmente existem outros autores que pesquisaram sobre o tema, como Jean Flori em seu livro “A Cavalaria”. Ele relata que os treinamentos, na falta de uma guerra real, eram feitos usando situações simuladas. Uma caça poderia além da diversão, dar uma excelente chance para cavaleiros e escudeiros treinarem suas habilidades de equitação e o *pell*, espécie de poste de madeira, era usado como alvo para a prática de golpes com as armas medievais. Mas a principal manobra da cavalaria era a esgrima da lança. Se no século XIII ela é bem parecida com a lança usada pelos infantes, no século XV ela era construída para as manobras a cavalo, com contrapesos e proteções para as mãos. Ela é empunhada sob a axila, o cavaleiro deveria mantê-la firme enquanto conduz o cavalo em direção à batalha, usando a força e velocidade do animal para tornar este ataque extremamente perigoso. As lanças também poderiam ser usadas com estandartes e bandeiras em suas extremidades, ajudando na identificação do cavaleiro. As formações de cavaleiros fazendo esta manobra são chamados de “*Conrois*” e deveriam ser compactas para maximizar o dano aos adversários. Este tipo de técnica é particularmente eficaz contra outros cavaleiros que, frequentemente, sob o choque do impacto frontal, são arremessados ao chão, permitindo que escudeiros e sargentos dominassem o adversário, desarmando-o e capturando seu cavalo. “A cavalaria tem a partir de então seu método de combate, ele só é eficaz contra adversários que o praticam também. Por essa razão, provavelmente, ele nasceu com a cavalaria, a acompanhou ao longo de sua história, para desaparecer com ela” (FLORI, 2005, p. 77).

#### 4.1.2 O MAIS ANTIGO MANUAL DE ESGRIMA MEDIEVAL CONHECIDO, O I.33

Foi uma feliz coincidência encontrar um dos raros tratados que fala sobre a combinação “Espada e escudo”: *Royal Armouries Ms I.33*, um “*fechtbüch*” alemão, ou um livro de espada, datado como sendo do Século XIII e que hoje se encontra na Coleção “*Royal Armouries*” em Leeds, Inglaterra. É um texto muito interessante, uma vez que é um dos mais antigos textos sobre o tema que se tem conhecimento (WAGNER, 2003, p. 15).

Este achado arqueológico fala principalmente sobre o uso da espada e broquel (um escudo pequeno, com empunhadura central) e a própria leitura do texto já seria material para uma grande pesquisa. Também são raríssimos os livros que ensinam o uso do escudo medieval, um item usado durante a maior parte da Idade Média pelos cavaleiros medievais (WAGNER, 2003, p. 10). Feito de 32 páginas, com ilustrações coloridas, ele mostra várias técnicas, usando como referência um padre e um aprendiz. Além disso, as duas últimas folhas mostram técnicas entre o padre e uma mulher de nome “*Walpurgis*“. As ilustrações são acompanhadas por um texto em latim, mas os termos técnicos do combate são em alemão medieval. Os personagens são ilustrados usando roupas típicas do período e, no caso de *Walpurgis*, ela traça uma roupa típica do Século XIII (WAGNER, 2003, p. 10)

Como interpretar o original seria muito difícil, iremos utilizar o livro: *Medieval Sword and Shield: The Combat System of Royal Armouries MS I.33*, escrito por Paul Wagner e Stephen Hand. Os autores informam que conseguiram o fac-símile do livro original com Dr. Jeffrey L. Forgeng, que também pesquisava o mesmo material e ajudou com a tradução. A fonte primária tem chamado a atenção dos grupos do mundo todo (de recriação histórica principalmente) por ter informações únicas para uso na luta medieval.

Mesmo o livro se focando no pequeno escudo (broquel), ele pode ser aplicado a vários tipos diferentes de escudos, inclusive as técnicas do I.33 foram testadas por Wagner e Hand, permitindo que possamos tentar entender um pouco a forma do combate no Século XIII. Segundo eles, várias técnicas utilizadas são projetadas para uma luta “amigável“ ou “esportiva“ (WAGNER, 2003, p. 14). Tal informação seria muito útil para um cavaleiro medieval, pois em um torneio ele estaria mais preocupado em capturar um adversário, para pedir um resgate e mostrar sua técnica a um possível nobre que estivesse assistindo ao torneio.

Várias técnicas demonstradas no livro não seriam muito eficazes contra um adversário com armadura de placas de aço completa, embora este combatente seria encontrado apenas a partir do meio do Século XIV, “mas seriam muito agressivas e brutalmente efetivas contra pessoas sem armadura, além de ser um estilo de combate muito ágil para alguém utilizando as roupas dos participantes ilustrados” (WAGNER, 2003, p. 15). Os autores, além de estudarem

o livro, também reconstruíram as vestimentas para verificar a viabilidade das técnicas. Outro ponto importante é que a maior parte das técnicas se direciona ao rosto, área não tão bem protegida quanto o resto do corpo nos conjuntos do Século XIII, já que muitos guerreiros costumavam lutar com elmos ainda sem visor no período em que o livro foi escrito (WAGNER, 2003, p. 16).

Outro ponto positivo no achado arqueológico é o seu excelente estado de conservação:

(...) a arte do desenho é altamente bem-feita, com as pinturas procurando ser muito realistas. Um exemplo é a distância entre os lutadores, que são alteradas durante o combate. A perspectiva muda durante o combate, com o padre uma hora a esquerda, mas à direita em outra página. Quando a posição do escudo esconde a técnica a ser aplicada, o autor original adicionou um texto lateral para facilitar o entendimento (WAGNER, 2003, p. 16).

O sofisticado estilo de combate do I.33 demandou muito tempo de análise dos estudiosos, que procuraram entender a movimentação de pés, o uso do corte e da estocada (golpe de perfuração) da espada. Como na esgrima moderna, muitas técnicas requerem uma excelente precisão da estocada, necessitando que o praticante tenha a habilidade para coordenar seu movimento de pés com a movimentação da espada e broquel. Para escrever sobre o I.33, os pesquisadores debruçaram-se sobre ele por mais de 5 anos, gerando um livro que pode ajudar a fornecer uma base para a descrição desta arte marcial medieval.

A espada e o escudo pequeno eram um conjunto usado para o treinamento de cavaleiros, que passaram gradualmente a serem conhecidos por homens de armas (sargentos, mercenários e pessoas que viviam com a função guerreira, mas não tinham nascimento nobre) e pessoas comuns. Foi usado por soldados a pé, arqueiros e cavaleiros por séculos e na Inglaterra continuou sendo usado em campo até 1600. Uma versátil combinação, podia enfrentar diversos tipos de armas e armaduras, explicando o seu sucesso na Idade Média (ANGLO, 2015, p. 20).

No Século XIII, os cavaleiros poderiam saber utilizar armas para ataque à distância, como arcos ou bestas, porém isto não combinava com a ideologia cavalheiresca, como diz Flori (2005, p. 91):

(...) sua ética baseada na fama, a preocupação com a glória adquirida com os belos golpes de lança ou espada, o alarde de seu valor guerreiro não combinava muito com o anonimato do golpe disparado a distância. O senso de honra, resultante da noção

de reputação extensiva ao conjunto da família e da linhagem, exige a publicação das proezas de guerra individuais. Ele exalta as virtudes da coragem, de audácia e até de temeridade.

A utilização da espada e escudo atravessa vários séculos, sendo usados desde a antiguidade por gregos e romanos. Nos séculos X a XIV fazia parte do equipamento do cavaleiro medieval, pois além da proteção durante o combate, também protegia de projéteis lançados a distância. Textos escritos não eram acessíveis a todos, de forma que muitos cavaleiros devem ter lutado sem conhecer o I.33. Infelizmente, não sobreviveram mestres e instrutores desta arte marcial (como se alega no oriente), de forma que para conseguirmos acessar este conhecimento, o manual se mostra muito útil. Para os cavaleiros do Século XIII eram (assim como a lança) as principais armas com as quais deveriam saber lutar. (FLORI, 2005, p. 78).

**FIGURA 15** – Técnica demonstrando como capturar um adversário



Fonte: <http://www.thearma.org/Manuals/i33/i33b.jpg>

Analisando as técnicas, algumas podem ser consideradas muito “cavalheirescas”, como na figura da próxima página, da página 18 do manual original. Nela podemos ver a aplicação de uma técnica com o objetivo de capturar as armas do adversário. Como contra técnica, ele larga as suas armas para poder desequilibrar o adversário e levá-lo ao chão. Isto não é visto como desonroso, mas como uma habilidade necessária à execução de uma técnica eficaz para derrotar o adversário. (WAGNER, 2003, p. 175).

Ao compararmos este manuscrito com outros como, por exemplo, o Codex Wallerstein, podemos ver que no século XV havia bem menos preocupação pelo ideal cavalheiresco, ao ponto deste manual ensinar, além de várias técnicas de combate, como assaltar um camponês.

**Figura 11:** "Se você deseja assaltar um camponês..." Plate 148.



**Fonte:** (ZABINSKI; WALCZAK, 2002, p. 307)

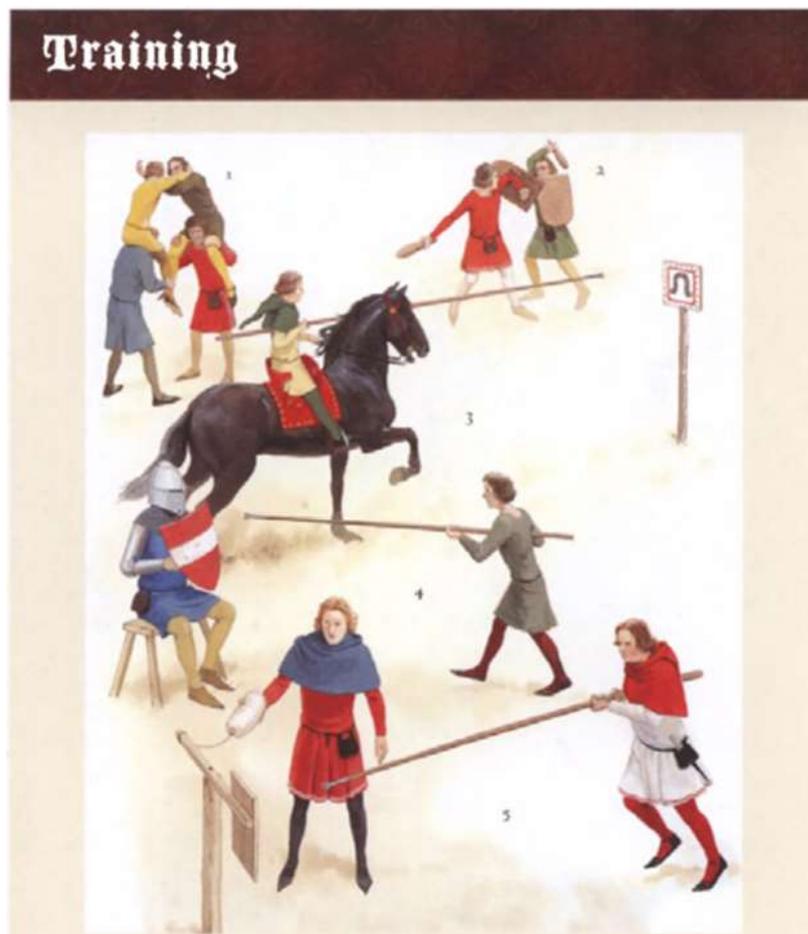
#### 4.1.3. O ESCUDEIRO NO SÉCULO XIII

O candidato ao título de cavaleiro poderia ser o filho de um, embora ainda fosse possível que uma pessoa não nobre aspirasse ao cargo. O treinamento começaria quando o jovem tivesse cerca de dez anos. Muitas vezes, o menino ia ser mandado para aprender seu ofício comumente à casa de um parente, tais como um tio, embora os filhos de casas nobres poderiam chegar a treinar na corte do rei. Manter o herdeiro em casa e enviar os outros para fora teria uma série de “vantagens”. Se enviado para algum desafeto, esperava-se que o

menino conhecesse a nova família e evitasse entrar em atrito com ela no futuro. Um parente com melhor status aumentaria a chance de sucesso deste filho, podendo até ajudar a sua família. De qualquer forma, não ter um filho em casa seria uma boca a menos para alimentar e vestir, diminuindo os gastos (DUBY, 1988, p. 91). Guilherme Marechal também passou por esta etapa, na casa de “Tancarville”, antes de ser investido cavaleiro.

O novo recruta seria ensinado como se comportar em sociedade, como tratar as senhoras, como cantar, dançar e recitar poesia. No entanto, seria necessário que o menino começasse o treinamento duro que lhe permitiria sobreviver no campo de batalha; ele também iria começar a lidar com a prática de armas e aprender sobre cavalos. Quando completasse 14 anos de idade ele poderia exercer o papel de escudeiro, palavra derivada do francês *ecuyer*, que significa “carregador de escudo”.

**Figura 17:** treinamento dos aspirantes a cavaleiro



Fonte: GRAVETT, Christopher. Knight: Noble Warrior of England p. 101

Os jovens treinavam fortemente, atacando o pell ou poste de madeira, lutando e praticando com outros escudeiros ou cavaleiros. Quando puxado em um cavalo de madeira por seus companheiros, ou montado em um cavalo de verdade, ele se esforçava para se manter na sela quando a lança acertava o boneco, um poste em que foi fixado um escudo. Alguns

tinham um braço de rotação, com um escudo em uma extremidade e um saco ponderado no outro; o aspirante a cavaleiro tinha que passar rapidamente ou seria acertado pelo rodopio do peso oscilante. Roger de Hoveden, que morreu aproximadamente em 1201, escreveu que ninguém poderia dizer que era um lutador formado senão tivesse visto seu próprio sangue escorrer ou ouvido o barulho dos seus dentes trincando ao receber um soco de seu adversário e que quando caísse no chão, deveria lutar com todas as suas forças e não perder a coragem. Qualquer pessoa que pudesse fazer isso poderia se envolver em batalha com confiança (GRAVETT, 2008, p. 37).

#### **4.1.4. O TREINAMENTO PARA CAVALEIRO NO SÉCULO XV**

O caminho para se tornar um cavaleiro envolvia o aprendizado de habilidades semelhantes às dos séculos anteriores, mas aqui já era requisito essencial o nascimento em família nobre ou com linhagem cavaleiresca. O aspirante é ensinado a ter boas maneiras e cortesia, como cantar e dançar, para servir senhoras e fazer companhia agradável. Ele iria aprender a domar cavalos e teria que se familiarizar com as armas e armaduras. O arnês (a armadura neste século já tinha placas de aço) de seu mestre deveria ser armazenado em baús adequados. Tinha que ser mantido limpo e livre de ferrugem (azeite de oliva era melhor para isso), os rebites de correr e as articulações tinham que ser reparadas, tiras de couro gastas deviam ser trocadas. Sua formação demorava vários anos e, quando ele completasse aproximadamente 14 anos ele poderia se tornar escudeiro de um cavaleiro, ou se fosse julgado incapaz ele poderia ser enviado para a Igreja. Seu treinamento seria cada vez mais intenso e uma destas etapas consistiam em treinar com armas, às vezes de peso duplo para desenvolver seus músculos. Uma das traduções da obra de Christien de Pisan (1489) diz que os cavaleiros ou homem de armas deviam usar parte do seu tempo para treinar os jovens no manejo das armas e nas manobras de batalha (GRAVETT, 2008, p. 145).

Uma das dificuldades para se estudar o treinamento dos cavaleiros, era o fato de que muitas das atividades eram transmitidas de forma oral, não necessitando de textos escritos. Sabemos ao menos que se considerava a experiência na guerra a melhor maneira de aprender e enquanto isso, o escudeiro acompanhou os cavaleiros na caça, foi ensinado a reconhecer os diferentes comandos durante as manobras para cercar o animal e onde atacar corretamente na hora da matança e as movimentações durante a caça também aumentavam suas habilidades de equitação (GRAVETT, 2008, p. 146). Ele poderia aprender a usar um arco ou besta, mas apenas para o campo de caça; que não fazia parte do seu dever de empregar tais armas no

campo de batalha, embora eles tivessem a obrigação de seguir o seu mestre na batalha e puxá-lo para fora do combate se ele fosse ferido, ou ajudá-lo a montar de novo se ele se tivesse sido desmontado.

Os padrões de educação foram maiores do que nos séculos anteriores, e o escudeiro poderia ser ensinado por um padre ou capelão a ler e escrever latim ou francês. A cerimônia de cavalaria tradicionalmente ocorria quando o jovem estava com idade entre 18 a 21 anos (GRAVETT, 2008, p. 146). Era muitas vezes uma desculpa elaborada para fazer banquetes ou torneios, bancados normalmente pelos mais ricos no círculo do candidato. Outros momentos em que se fazia esta cerimônia era antes de uma batalha, ou às vezes depois dela, caso tenha sido bem-sucedida. Alguns escudeiros se tornaram cavaleiros muito mais tarde na vida, ou permaneceram escudeiros até morrerem. Um novo cavaleiro ainda tinha que continuar seus exercícios. Alguns, como por exemplo, tentar pegar um anel suspenso com a ponta da lança, eram feitos que requeriam uma boa coordenação e um braço firme (GRAVETT, 2008, p. 146).

Algumas diferenças são importantes: no século XIII ainda se pode obter o posto de cavaleiro, mesmo sendo de origem mais humilde, já no século XV apenas sendo filho de nobres. Como podemos ver, o treinamento fez parte da vida de cavaleiros e escudeiros durante sua existência. Ele provavelmente variava entre as pessoas de origem e condições mais simples, aos grandes barões e nobres da Idade Média. Sabemos enfim que, para ser declarado um bom cavaleiro, ele deveria estar a par das manobras e exercícios, seja para participar ou comandar corretamente. Esta é a teoria correta, mas não faltaram casos onde mesmo com esta força treinada, tudo foi posto a perder, inclusive a batalha, por conta de um comandante inapto, como aconteceu em Azincourt ou em Crecy (JESTICE, 2012, p. 141).

## **4.2. GUERRAS E TORNEIOS: O MODO DE VIDA CAVALHEIRESCO**

Nesta parte comparativa, iremos buscar os elementos comuns a todos os casos examinados. Sabendo que a guerra e os torneios são a razão da existência para os cavaleiros medievais, iremos analisá-los.

### **4.2.1. GUERRAS MEDIEVAIS**

Logicamente que a Europa é e sempre foi uma cultura heterogênea, mas de uma forma geral, as grandes batalhas são raras na Idade Média e os príncipes as evitam tanto quanto

possível por conta do risco considerável e com um resultado muito incerto. Os conflitos menores são mais frequentes.

Eles opõem entre si os príncipes e os senhores de menor importância e tem como objetivo principal assegurar a posse das fortalezas indispensáveis para cobrir com uma rede compacta os territórios dominados e as populações que os habitam. Trata-se, na maioria das vezes, de obter a submissão de um senhor vizinho ameaçador ou revoltado, ou tentado a passar para o lado inimigo. Procura-se por meio de uma demonstração de força dissuasiva, ou, se tarde demais, tenta-se trazê-lo de volta à “fidelidade” por meio de uma ação punitiva. (FLORI, 2005, p. 85).

O confronto nem sempre resulta na morte do perdedor, ou na expulsão do feudo em conflito, pelo contrário:

Frequentemente, o senhor vencido continua no lugar, ligado ao vencedor por um novo pacto de aliança, uma declaração pública de fidelidade, laços familiares são reforçados pelo casamento “político” de suas parentes próximas (filha ou sobrinha), com parentes do vencedor. O objetivo não é matar, sobretudo os chefes, mas vencer o inimigo de hoje, talvez aliado de amanhã, de qualquer maneira, o vizinho com quem será preciso fazer uma aliança. (FLORI, 2005, p. 85).

Num mundo ideal, esta seria uma boa solução, contudo também existem casos onde foram registradas acusações de incêndios, pilhagens, roubos, massacres e torturas infligidas aos prisioneiros. Mas segundo Flori, “as guerras medievais causavam menos perdas humanas do que as guerras dos tempos modernos (guerras de religião, Guerra dos Trinta Anos, etc) e infinitamente menor que os conflitos contemporâneos.” (Flori, 2005, p. 85).

Como dito, muitos dos combates no período consistem em cercos à castelos rebeldes. A invasão em geral tem um grande custo humano e de recursos, assim sempre que possível é preferível isolar os habitantes do lugar, privando-os de recursos. O cerco em geral é uma operação onde a artilharia (arqueiros e besteiros), e os “engenieurs” (ancestrais de nossos engenheiros) mais trabalharam (FLORI, 2005, p. 87). Os cavaleiros do Século XIII não menosprezavam totalmente estes equipamentos quando estavam como pedestres e alguns eram “muito bons arqueiros”, como Ricardo Coração de Leão (FLORI, 2005, p. 87). Mas qual é a função da cavalaria nesta atividade? Ela geralmente tinha a função de gerar emboscadas, atacando nas saídas dos sitiadores, interceptando mensageiros ou suprimentos que tentem chegar ao castelo sitiado. E em muitas batalhas da Idade Média, eles desceram dos cavalos e

lutaram a pé, misturados com os infanters. Flori cita vários casos onde isto aconteceu: Hastings (1066), Dorylée (1098), Crécy (1346), Poitiers (1356), entre outros.

Esse emprego dos “cavaleiros desmontados” prova que o interesse militar do ataque da cavalaria nas batalhas era menos determinante do que se acredita; menos manifesto, em todo caso, que sua supremacia na ordem ideológica: A presença dos cavaleiros entre os pedestres oferecia um duplo interesse: de um lado, ela tranquilizava os infanters e evitava sua debandada rápida demais; por outro lado, ela retirava dos cavaleiros toda possibilidade de fuga e os obrigava assim a uma luta exacerbada. (FLORI, 2005, p. 88).

Para todos os envolvidos na guerra, “eles têm, sobretudo, uma função econômica: o butim, de fato, constitui um dos atrativos principais da guerra medieval” (FLORI, 2005, p. 88), embora os manuscritos procurassem atribuir à indisciplina das tropas a ação das pilhagens, não faltando exemplos onde estas atividades ilícitas foram feitas por cavaleiros. Um exemplo seria Ricardo Coração de Leão, em suas campanhas na região sul da França. “O butim apreendido do inimigo vencido é, aliás, considerado como totalmente legítimo e dá lugar a uma partilha segundo as regras, atribuindo aos guerreiros uma partilha segundo as regras, atribuindo aos guerreiros uma parte proporcional a sua patente.” (FLORI, 2005, p. 89),

Quanto aos cavaleiros, eles visavam também outro lucro: o equipamento dos derrotados, principalmente seu cavalo e suas armas, sobretudo a cota de malha, muito cara. “Em um ofício tão aleatório quanto o de seu cavaleiro, cada combate podia significar, para os mais pobres, a perda de seu *status* ou, ao contrário, o meio de enriquecer em armas e cavalos”. (FLORI, 2005, p. 89).

Com o objetivo de obter resgate, a misericórdia com os derrotados começou a se tornar uma prática, infelizmente, apenas entre aqueles que detinham alguma posse. “Ao poupar o derrotado, até ao evitar matá-lo em combate para tentar capturá-lo, tanto na guerra quanto no torneio, o cavaleiro vencedor esperava obter, para sua liberação, um resgate cujo montante era evidentemente proporcional à posição social do prisioneiro” (FLORI, 2005, p. 90). Mas para nós principalmente, ela começou a ser aplicada de forma uniforme entre os cavaleiros, ao ponto da “(...) prática da misericórdia logo se tornar habitual no meio da cavalaria no decorrer do século XII, ao ponto de constituir um dos fundamentos da ética cavalheiresca” (FLORI, 2005, p. 90).

#### 4.2.2. OS TORNEIOS MEDIEVAIS

Os cavaleiros conduzem assim sua própria guerra em meio às guerras. Na paz, eles a prolongam e a preparam nas justas e torneios. Em ambos, o combate é um risco (limitado) do ofício, um esporte perigoso e um prazer assustador. Uma atividade perigosa e lúdica, cujo objetivo é vencer mais do que matar, capturar e pedir resgate do adversário mais que aniquilá-lo. (FLORI, 2005, p. 79).

Durante vários séculos da Idade Média, os cavaleiros foram uma unidade com treinamento bélico intenso, sendo que o torneio surgiu originalmente como uma forma de preparação para os conflitos que pudessem ocorrer, local onde poderiam ser experimentadas novas técnicas e onde cavaleiros de diversos reinos pudessem duelar e demonstrar as suas técnicas (FLORI, 2005, p. 101). Como dito antes, as grandes guerras eram raras; assim, para o treinamento, os torneios começaram a ser uma grande opção. Os simulacros também incluíam o resgate e o butim, tornando a atividade arriscada, mas com uma possibilidade de lucro tentadora aos participantes. À medida que os torneios começaram a fazer sucesso, atraíram a atração de príncipes e grandes senhores:

Estou convencido de que, no final do Século XII, a alta aristocracia não encontrava (...) trunfo mais forte para resistir ao fortalecimento da magistratura real do que esse: conquistar o apoio da cavalaria oferecendo-lhe sua diversão predileta. Também era por prazer que alguns barões se entregavam, por inteiro, ao que podemos legitimamente chamar de mecenato (...). (DUBY, 1988 p. 127).

Os torneios sofreram grandes alterações durante a Idade Média. Se no Século XII era uma modalidade em equipes, buscando usar o trabalho em grupo para derrotar ou capturar os adversários (FLORI, 2005, p. 97), já no século XV se destacou a competição individual, mais conhecida atualmente, onde um cavaleiro enfrenta o outro individualmente, separados por uma liça (espécie de muro) que impede que os cavalos venham a se trombar (FLORI, 2005, p. 97).

Os torneios existiram em grande quantidade no Século XII, tantos que não se podia nem contar, disse o autor do poema sobre Guilherme Marechal (DUBY, 1988, p. 128). Ele continua relatando a empolgação deste tipo de competição:

Se a guerra de verdade cessava durante a temporada imprópria – os franceses a detestavam, diz o relato, “usando a frialdade envolve o ar” -, o gosto pelo jogo era

tão grande que nem o frio nem as intempéries interrompiam por muito tempo os torneios, embora não fosse bom lutar sob chuvas intensas, e os homens receassem, acima de tudo, expor à umidade do inverno os cavalos e armamentos (...). Interrupções (...) se produziam (...) em torno da Páscoa, de Pentecostes, da festa de Todos os Santos. Porém, salvo essas poucas férias, a cavalaria jamais parava. (DUBY, 1988, p. 128).

Um *dreamteam* (Barthelemy 2010, p. 420), foi assim que o historiador chamou a equipe de Henrique, o Jovem, que participou de cerca de dez torneios entre 1176 e 1183. Nesta parte, o autor nos passa mais informações de como eram os torneios por esta época: uma formação cerrada, no início do combate, mas que logo se dispersava, à medida que os lutadores caíam ou levavam para trás da linha (ou algum ponto seguro), os prêmios capturados (cavalos e/ou cavaleiros). Ao enfrentar seus adversários, eles não consideravam desonroso em colocar vários contra um. Também não tinham problemas em se identificar, pois eles carregavam escudos com símbolos do seu senhor. Para um resultado decisivo, sem dúvida seria necessária a captura de um príncipe, ou de um dos “Grandes Homens”, normalmente melhor protegidos e nem sempre participando das justas. Porém, “quando o líder é ameaçado, a batalha se faz mais ardente, os cavaleiros se dispõem a lutar coletivamente.” (BARTHELEMY, 2012, p. 422).

Mas Barthelémy não soube precisar como eram feitas as premiações nos torneios, “talvez aconteça apenas um elogio gracioso e público” (BARTHELÉMY, 2010, p. 426). Sem prêmio para os vencedores (como acontecem em competições esportivas contemporâneas), restava aos participantes a busca por vitórias para impressionar mecenas, a capturas de cavaleiros adversários ou seu cavalo talvez equipamento, para pedir um resgate (DUBY, 1988, p. 99).

A guerra, tanto quanto o torneio, era um jogo de altas apostas para o cavaleiro medieval, mas na raridade do primeiro, era o segundo que fornecia o prestígio que a cavalaria necessitava à sua sobrevivência.

#### **4.2.3. IDEAL DE CAVALARIA: CARACTERÍSTICA MARCANTE DA IDADE MÉDIA NA INGLATERRA**

Não foi fácil traduzir o tema deste trabalho. Utilizamos o conjunto “ideal de cavalaria” e talvez agora seja o momento de analisarmos as palavras. No dicionário Aurélio, a palavra

“ideal” tem cinco significados. Primeiro: conjunto imaginário de perfeições que não podem ter realização completa. Segundo: a mais querida das aspirações. Terceiro: que só existe na ideia. Quarto: que reúne toda a perfeição imaginável. Quinto: quimérico, fantástico, imaginário. Estes significados são adequados ao que vamos trabalhar nesta parte do texto, porque embora tenha existido uma ética cavaleiresca, não temos como provar que os cavaleiros seguiam este comportamento totalmente. Buscamos aqui estudar a construção deste que, pelo próprio significado, é algo que seria intangível no mundo real, mas que ainda assim, foi algo buscado pelos cavaleiros, conforme explicaremos a seguir.

“A cavalaria é considerada uma das características mais expressivas do feudalismo, combinando o seu caráter aristocrático com rituais religiosos e instituições monárquicas de modo definitivo e com bastante facilidade.” (LE GOFF, 2009, p. 115). É uma das coisas que diferencia ela de outros guerreiros deste e outros períodos, é o seu “ideal de cavalaria”. Os cavaleiros praticavam uma solidariedade, uma forma de companheirismo guerreiro que aproximava, dentro da cavalaria, aqueles que comandavam daqueles que obedeciam, os príncipes e seus *milities*. Essa solidariedade não abolia de forma alguma as hierarquias, mas isolava e distinguia a cavalaria do resto das pessoas de guerra e de toda a sociedade. A preocupação com o lucro, indiscutível, não é a única coisa que estava em questão na formação do comportamento cavaleiresco. “Estão também envolvidas considerações de ordem moral, ligadas em grande parte à definição de uma ética própria à cavalaria.” (FLORI, 2005, p. 91).

Como dissemos anteriormente, é complexo trabalhar com um texto em outras línguas, pois não podemos traduzir uma palavra facilmente. Explicando: embora tenhamos *Knighthood* ou *Chilvary* como palavras para explicar o que era esta estranha força que mantinha os cavaleiros unidos, ou ao menos se enxergando como companheiros de mesma classe, não podemos utilizar o conjunto “ideal de cavalaria”, sem explicar o seu significado. Começamos pela palavra de origem francesa “*Chilvary*”, derivada de “*Cheval*”, que significa cavalo (ROBARDS, 1997, p. 70). A conexão com alguém que anda a cavalo parece clara, mas não se resume a isto. Houve uma construção de uma imagem durante os séculos.

No Século XIII, a igreja se esforçou para aproveitar a violência da classe guerreira, ao impor a paz e criando a trégua de Deus a partir do século XI (onde as guerras deviam respeitar os dias santos), mas isso só obteve um sucesso parcial. No entanto, dirigiu cavaleiros em cruzadas para a glória de Deus e invocou a sua proteção para os fracos e para as mulheres. O culto da Virgem tinha crescido na França durante o século XII, assim como tinha a poesia de amor dos trovadores franceses do sul. Também se tornaram mais conhecidos os contos do século XII do rei Arthur e seus cavaleiros. Estes romances mostravam aos cavaleiros como

deveriam se comportar, como corajosos e aventureiros poderiam ser e que na busca do Santo Graal, apenas o mais puro o atingiria. É ainda neste período que surgiram vários cavaleiros exemplares, de conduta “cavalheiresca”, como Guilherme Marechal (citado em capítulo anterior), que começa como cavaleiro errante, alcançando grande sucesso nos torneios, chegando a receber o título de “melhor cavaleiro do mundo”, pelo rei da Inglaterra Henrique II (GRAVETT, 2008, p. 62).

Em tempo, é importante frisar que nem todos os cavaleiros seguiam este ideal, e há várias histórias de cavaleiros que se comportaram mais como vilões ou algozes. Mesmo Guilherme Marechal tem um episódio onde “confisca” os recursos de um casal de amantes que foge às escondidas (DUBY, 1987, p. 65). Mesmo assim, a produção literária no período demonstra um grande interesse por estes ideais, seria porque se buscavam isso na sua vida diária ou porque seriam intangíveis?

A visão idealista da cavalaria persiste no Século XIV. No início deste período, a maior parte da população tem o inglês como sua língua mãe, surgindo então romances neste idioma: *Piers Plowman*, escrito por John Langland, na Inglaterra na década de 1380, repetia a noção de “pureza da cavalaria” e incorporava ideais, como lutar para defender a verdade; romances da época reforçavam a ideia de um herói nacional lutando por seu país. Autores com Jean Froissart falaram sobre as qualidades de um bom cavaleiro. O sucesso das histórias de Rei Arthur e sua tábua redonda, motivavam o rei da Inglaterra (após as seguidas conquistas de Eduardo III na Escócia e em Wales) a utilizar este entusiasmo a seu favor na guerra contra a França. Em 1344, em Windsor, Eduardo III, fundou a Ordem da Tábua Redonda; assim como o rei João “o Bom” da França, que criou sua própria ordem de cavalaria, a ordem da estrela em 1352 (GRAVETT, 2008, p. 128).

No Século XV, o ideal do bom cavaleiro incluía: boas maneiras, respeitar as mulheres, proteger a Igreja e os pobres e demonstrar coragem frente aos inimigos. Estes ideais foram resultados das influências dos Séculos anteriores, contadas e depois recontadas em cortes e tribunais por toda a Europa. Este “cavaleirismo” era uma ligação entre eles, pois todos tinham o interesse comum em ter certa posição na sociedade. Assim, reconheciam nomes e faces que encontraram nos torneios, sejam lutando contra (algumas vezes em conjunto), resultado de suas visitas em outras cortes, muitas vezes criando respeito por um adversário digno (GRAVETT, 2008, p. 184).

A cavalaria também foi sob vários aspectos, um jogo cortês onde os cavaleiros poderiam mostrar sua criação e conhecimento de como se comportar em corte, especialmente na presença de donzelas. Embora cavaleiros devessem mostrar respeito e humanidade, eles

também tinham noção do quão lucrativo poderia ser o resgate de alguém importante. Isto foi visto especialmente na França durante a primeira parte do século. Na verdade, esses lucros poderiam ser reinvestidos nas terras e castelos, como Ampthill em Bedfordshire, construídos com o resgate obtido pelo Senhor Fanhope na França. Em 1421, dois escudeiros ingleses, John Winter e Nicholas Molyneux, concordaram em se tornar irmãos de armas nas guerras, para reunir os seus ganhos e usá-los na Inglaterra para comprar terrenos e casas senhoriais. Uma exceção no cavalheirismo, se podemos assim dizer, foi o massacre da cavalaria francesa capturada na Batalha de Azincourt por ordem do rei Henrique V. Devido a um erro de estratégia dos franceses (atacando uma subida em terreno desfavorável), foi capturado um grande número de cavaleiros, tantos que se temia que os prisioneiros se revoltassem contra seus cativos, pegando suas armas. Vendo que não poderiam dar atenção em duas frentes (ainda haviam muitos mais franceses vindo), o rei ordenou o massacre (GRAVETT, 2008, p. 185).

O ideal de cavalaria também foi usado na diplomacia e ocasionalmente o esforço poderia evitar uma guerra, com a oferta de um único combate entre campeões. Embora frequentemente não mais do que um discurso, em 1425, Felipe “o Bom”, da França fez um sério desafio para o Duke Humphrey de Gloucester e até mesmo entrou em treinamento e teve aulas de esgrima. Apesar do local estar pronto para o combate esperado, a diplomacia venceu e o duelo nunca ocorreu (GRAVETT, 2008, p. 185).

O Século XV viu o ressurgimento do interesse nos romances literários. As histórias de Carlos Magno foram traduzidas a partir de uma versão do século XII em 1454 por Lorde Berners, chamado *The Boke de Duke Huon of Bordeaux*. Novas versões de histórias sobre o Rei Arthur estavam sendo produzidas, sendo a mais famosa Morte d'Arthur de Sir Thomas Malory, que foi impressa por Caxton em 1485 e amplamente distribuída. Este autor não produzia trabalhos para o rei, mas para seus próprios pares, cavaleiros e damas. O trabalho do escritor de Maiorca do século XIII, Raimundo Lúlio, foi traduzido por Caxton em inglês como *The book of the Order of Chivalry* ou *Knight code*. Outros autores como Gilbert de La Haye também estavam produzindo versões da literatura de cavalaria. Malory escreveu numa época em que os ideais da cavalaria foram agrupados por cerimonial. Lancelot, apesar de suas fraquezas, é o ideal da cavalaria de Malory, ao invés de Galahad, uma vez que o escritor viu cavalheirismo em grande parte como uma entidade secular. Ele faz com que Arthur seja o grande herói de cavalaria, com base em romances ingleses. Ao contrário de romances franceses, muitos nomes de cavaleiros conhecidos, como Gawain, são comandantes sob ordens de Arthur, bem como bravos cavaleiros. Malory ecoa a realidade da vida da corte

inglesa, quando grandes senhores eram também os comandantes do rei em guerra. Ele também retrata o desaparecimento do amor cortês. Como Isolda diz a Tristan, o amor é um obstáculo e irá provocar o ridículo em outros cavaleiros se o ostentar na corte de Arthur, é o suficiente para um cavaleiro realizar boas obras (GRAVETT, 2008, p. 186).

Já na vida “real”, cada vez mais, grupos de homens armados eram vistos fora dos campos de batalha na Europa. Homens profissionais que preferiam não ficar frente a frente a um perigo, a não ser que ele fosse inevitável. Se eles usassem túnicas que identificassem a sua procedência, evitariam que alguma calúnia recaísse sobre o nome de sua família. Na Inglaterra, a prática de poupar homens de posição era cada vez mais evidente durante a Guerra das Rosas, onde mercenários eram contratados em maior quantidade, substituindo a cavalaria na função guerreira gradualmente (GRAVETT, 2008, p. 187).

O ideal de cavalaria ainda iria sofrer influências no Século XVI, sendo cada vez mais considerado obsoleto, até a sua morte na obra de Miguel de Cervantes, “Dom Quixote”, mas durante a Idade Média, este “código de cavalaria” foi o principal elemento que manteve os cavaleiros unidos, ou ao menos com certo senso de irmandade. Isto também os diferenciou de outros guerreiros que existiram no mesmo período. E se usamos o termo “cavalheiro” ou “cavalheirismo” para ilustrar uma pessoa educada e respeitosa, não podemos usar a palavra “cavaleirismo”, pois ela não existe na língua portuguesa, o que impede de traduzirmos “Chilvary” ou “Knighthood” diretamente, assim optamos por usar o termo “ideal de cavalaria” quando formos falar destes códigos de conduta seguidos, ao menos em teoria, por cavaleiros durante vários séculos da Idade Média.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No primeiro capítulo falamos sobre como a figura do cavaleiro medieval sofreu alterações no decorrer de sua existência, sofrendo diversas influências, entre elas a literatura. Falamos de suas funções dentro do exército e do meio que o cercava: a infantaria sempre com papel importante, mesmo quando se acreditava no poder da cavalaria para decidir uma batalha. Por outro lado, também mostramos que existiram batalhas onde os cavaleiros desceram de suas montarias, lutando lado a lado com os guerreiros a pé.

No segundo capítulo, escolhemos falar de um personagem histórico, Guilherme Marechal e sua trajetória dentro do meio cavaleiresco. Conseguimos obter sua biografia, por conta da pesquisa de historiadores, como Dominique Barthelemy e George Duby, assim podendo observar como era o ambiente da cavalaria, as dificuldades que os afligiam e, principalmente, como a ética cavaleiresca tinha que resolver problemas práticos, como os recursos necessários para a sobrevivência do cavaleiro, já que como vimos, as proporções daqueles que se tornavam cavaleiros eram muito baixas entre os escudeiros. Os anos como cavaleiro de torneios mostraram evidências de como funcionavam suas regras e como era a interação não apenas com outros cavaleiros, mas com os nobres que os rodeavam, uma situação bem instável profissionalmente falando. Marechal conseguiu seguir sua carreira por mais tempo do que a média de seu tempo, avançando até o posto onde tinha suas próprias tropas e terras, chegando ao ponto de influenciar os rumos políticos da Inglaterra do Século XIII. A história de Marechal mostra uma série de desafios e serviu de referência à cavalaria inglesa, seu túmulo ainda se encontra na “Temple Church” de Londres. Claro, sua história um pouco heroica demais pode ter recebido mais cor do que seria a original, mas a intenção era principalmente, indagar as motivações da cavalaria medieval.

O outro tema deste capítulo, o manuscrito conhecido como Ms I.33, é um material raro, a ponto de ser o único achado em nossas pesquisas. Utilizando um equipamento (espada e broquel), poderia muito bem servir como base para treinamento de cavaleiros, sendo produzido por alguém com conhecimento marcial do período. Bem detalhado, possui táticas visando não apenas matar, mas também capturar o seu adversário vivo. Esta referência conecta o conteúdo deste manual com as estratégias cavaleirescas, onde o resgate do vencido era tão importante quanto a vitória. Gostaríamos de ter trabalhado mais no I.33, mas ficamos

receosos em fugir do tema da pesquisa atual, no entanto pretendemos continuar a estudar este material e produzir mais sobre ele no futuro.

No capítulo três, falamos sobre os nuances na cavalaria. Não apenas o cavaleiro citado nos romances compunha a cavalaria, mas também os cavaleiros domésticos e os mercenários. Os cavaleiros que moravam sob o mesmo teto de seu senhor, recebendo alimentação e equipamento do mesmo, recebiam o nome de “domésticos” por Jean Flori. Ele aponta que eles podiam ter origens diversas e estavam muito conectados ao seu serviço, que seria muito parecido com o que um guarda-costas faz atualmente. Embora tenham a particularidade da lealdade presente no ideal de cavalaria, além de provavelmente terem demonstrado certa habilidade marcial para o seu cargo, não tinham a liberdade de se ausentar para participar dos torneios. O cavaleiro mercenário ao contrário estava sempre em mudança, ou ao menos até encontrar alguém que o contratasse de forma mais permanente, além de serem utilizados para completar as tropas quando os grandes senhores estivessem em operações militares maiores do que simples escaramuças. Além de alugarem a si próprios, os mercenários mais bem-sucedidos tinham tropas que também prestavam serviços mediante soldo. Mesmo servindo por motivos diferentes, todos eles estavam ligados pela fidelidade ao seu senhor e o seu modo de lutar necessitava que eles estivessem juntos e organizados para utilizar o “conroi”, uma formação compacta de cavaleiros com as lanças apontadas para frente. Para que funcionasse, os membros da formação deveriam saber como se mover adequadamente, ou poderiam ser atropelados pelas fileiras atrás, se também viessem a se afastar de seus colegas na carga do combate, não intimidariam a infantaria ou cavalaria adversária, o que tornava o treino regular algo muito importante.

Ao citar os treinamentos pudemos ver semelhanças, mas algumas diferenças, como o modo que os escudeiros poderiam alcançar, ou não, o status de cavaleiro. O treinamento começando muito cedo, além de dispensar de casa os filhos mais jovens (por tradição sem direito a herança) iria criar vínculos entre sua família de sangue e sua família adotada (ao menos se esperava isso), procurando diminuir diferenças no futuro. Esta vida dura de treinamentos também fazia parte da construção do pensamento da época, onde se dizia que se ele pudesse passar por estas provações estaria apto a participar de uma batalha real.

A evolução do equipamento em parte por conta do aumento da disponibilidade de ferro no século XII (JESTICE, 2012 p. 78), mostra como houveram grandes mudanças, adicionando proteção a uma atividade extremamente perigosa. Um bom equipamento era uma das metas do cavaleiro, seja pela proteção que poderia conseguir, pelo valor destas peças (o

dono original poderia pagar um bom valor pelo seu resgate), ou mesmo pela venda das mesmas. O equipamento do Século XIII já reduzia em muito os ferimentos comparados com outros utilizados pela maioria do exército, esta superioridade técnica, aumentava a sensação de invulnerabilidade, ficando relativamente mais fácil criar um ambiente de coragem e bravura. A armadura de placas de aço do Século XV se tornou o melhor equipamento para a prática da justa a cavalo, sendo utilizada até hoje por grupos recreacionistas.

Como dito anteriormente, as guerras foram poucas durante a Idade Média, um cavaleiro poderia testemunhar poucas no decorrer de sua vida. Já os torneios aumentaram muito a partir do Século XII. Inicialmente um momento dedicado ao treinamento, o evento cresceu em parte porque ali, os cavaleiros poderiam aplicar de forma praticamente real, aquilo que treinaram durante toda a vida. Estes eventos foram ganhando popularidade e eram apoiados pelos grandes senhores, como forma de conseguir apoio desta casta guerreira. Dentro dos torneios, o código de cavalaria pode florescer pois era aplicado, em teoria, entre a cavalaria de forma geral. À medida que a cavalaria foi perdendo sua importância nas batalhas medievais (nunca totalmente, pois como Justice (2012, p. 79) informa, várias batalhas foram decididas pelo uso eficiente da cavalaria), começaram a gastar mais do seu esforço nos torneios. Eles continuaram a fazer grande sucesso até o final do Século XV, ainda estimulados pelo sucesso da literatura cavaleiresca e de uma nova versão arturiana: “A morte de Arthur” de Sir Thomas Malory, lançado no Século XV.

Finalmente, o último item, o ideal de cavalaria, onde tentamos localizar este elemento dentro do seio da cavalaria medieval. Utilizamos a história de Marechal para tentar extrair comportamentos e as interações dos cavaleiros. Momentos onde eles foram exemplos de cavalaria, outros onde nem tanto. Em suma, se esperava dele que fosse um bom cavaleiro, fiel, corajoso e benevolente. O ideal, como o próprio nome diz não é algo para ser alcançado, mas que nem por isso deixou de ser buscado por gerações de cavaleiro que percorreram a Europa durante a Idade Média.

Pesquisar os cavaleiros medievais, seus ideais, costumes e comportamento é um grande desafio. Apesar do que muitos já escreveram, ainda existe muito a estudar sobre o assunto, pois mesmo em um país distante como o Brasil, podemos ver as influências que estes guerreiros ainda geram nas pessoas. A Idade Média e a cavalaria são temas de muito interesse na Inglaterra, onde existe uma grande valorização dos museus e seus monumentos históricos. É um país que ainda possui uma realeza, que convive em um mundo cada vez mais moderno, porém com um tom um pouco nostálgico. Particularmente estudar sobre o tema “ideal de cavalaria” foi surpreendente, porque pude colocar frente a frente os livros ditos para o público

“leigo” e os materiais acadêmicos. Embora muitas informações sejam similares, a presença de referências sobre cada parágrafo ajuda o historiador a ter mais segurança sobre as suas afirmações, pois se ele não tem todas as peças, ao menos pode gerar hipóteses prováveis.

A cavalaria iniciou-se como algo prático e funcional, mas em algum momento ela não conseguiu acompanhar as transições do ambiente a sua volta. Ela se fechou e criou um mundo seu, na ânsia de manter a ela e a sua cultura viva. Foi isso em parte que permitiu que ela chegasse até nossos dias, mesmo que, por conta deste distanciamento, ela tenha perdido cada vez mais a conexão com a realidade, até ser considerada obsoleta por completo.

Ao ver como algo de quinhentos, setecentos anos ainda desperta a curiosidade das pessoas, torna o tema interessante. Pensando como os ideais se chocavam com a realidade, fazendo o cavaleiro daquela época ter que encontrar soluções para conciliar os dois aspectos, pode ser algo útil nos dias de hoje, um mundo em constante mudança, que diariamente questiona nossas convicções.

## 6. REFERÊNCIAS

### Fonte primária

ANGLO, Sidney. **"Anonymous Fechtbuch: Manuscript I.33": 13th century German Sword & Buckler Manual.** Disponível em: <<http://www.thearma.org/Manuals/i33/i33.htm>>.

Acesso em: 25 maio 2015.

AINSWORTH, Peter; CROENEN, Godfried. **Online Froissart: A Digital Edition of the Chronicles of Jean Froissart.** 2013. Disponível em: <<http://www.hrionline.ac.uk/onlinefroissart/apparatus.jsp?type=context&context=navigate>>.

Acesso em: 04 dez. 2014.

GRIFFITH-JONES, Robin. **Temple church.** 2015. Disponível em: <Fonte: [http://www.churchmonumentsociety.org/London\\_1.html](http://www.churchmonumentsociety.org/London_1.html)>. Acesso em: 01 out. 2014.

ZABINSKI, Grzegorz; WALCZAK, Bartłomiej. **A Medieval Fight Book from the fifteenth Century on the Longsword, Falchion, Dagger, and Wrestling.** Boulder, Colorado: Paladin Press, 2002.

### Bibliografia

BARTHÉLEMY, Dominique. **A cavalaria: Da Germânia antiga à França do século XII.** Unicamp, 2010.

BOOKS, Time-life et al (Ed.). **A Época da Cavalaria: Europa 800-1500.** Porto: Folio, 2009. (Grandes Civilizações do Passado). What Life Was like in the age of Chivalry.

BOUCHARD, Constance Brittain. **Knights: in history and legend.** Buffalo, New York, USA: A Firefly Book, 2010, 304 p.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem.** Bauru, SP: EDUSC, 2004. 288 p.

CLEMENTS, John. **Medieval Swordsmanship: Illustrated Methods and Techniques.** Boulder: Paladin Press, 1998.

DUBY, Georges. **Guilherme Marechal: Ou o maior cavaleiro do mundo.** 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

EDGE, David; PADDOCK, John Miles. **ARMS & ARMOR OF THE MEDIEVAL KNIGHT: An Illustrated History of Weaponry in the Middle Ages.** 4. ed. New Jersey: Crescent Books, 1994. 194 p.

FERRARESE, Lúcio Carlos. **A transformação da Cavalaria na Idade Média: de Grupo Militar para Grupo Social Dirigente.** In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA, 5., 2011, Maringá. INSTITUIÇÕES E IDÉIAS NA ANTIGUIDADE E NA

- IDADE MÉDIA. Maringá: Uem, 2011. v. 1, p. 2459 - 2468. Disponível em: <<http://www.cih.uem.br/anais/2011/?l=trabalhos&id=76>>. Acesso em: 04 dez. 2014.
- FLORI, Jean. *A Cavalaria - A Origem dos Nobres Guerreiros da Idade Média*. Rio de Janeiro: Madras, 2005
- GOFF, Jacques Le. **Heróis e Maravilhas da Idade Média**. Petrópolis, Rj: Vozes, 2009. 332 p.
- GRAVETT, Christopher. **Knight: Noble Warrior of England 1200-1600**. Oxford: OspreyPublishing, 2008.
- HODGETT, Gerald A. J..**História Social e Econômica da Idade Média**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- JESTICE, Phyllis G. **História das Guerras e Batalhas Medievais: O desenvolvimento de Técnicas, Armas, Exércitos e Invenções de Guerra durante a Idade Média**. São Paulo: M. Brooks do Brasil Editora Ltda., 2012. Tradução: Ricardo Souza.
- KOSMINSKY, E. A. **História da Idade Média**. Lisboa: Centro do Livro Brasileiro, 1963. 280 p.
- MATTEW, Donald. **A Europa medieval**. Madrid: Edições del Prado, 1997.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e Literatura: uma velha-nova história**. 2006. Disponível em: <[nuevomundo.revues.org/1560](http://nuevomundo.revues.org/1560)>. Acesso em: 29 ago. 2012.
- REZENDE Filho, Cyro de Barros. **Guerra e poder na sociedade feudal**. São Paulo, SP: EditoraÁtica, 1995, 67 p.
- ROBARDS, Brooks. **The Medieval Knight at War**. London: Tiger Books, 1997.
- THEML, Neyde. **História Comparada: Olhares Plurais**. Revista de História Comparada, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p.1-23, 1 jun. 2007. Disponível em: <[http://www.hcomparada.historia.uftj.br/revistahc/artigos/volume001\\_Num001\\_artigo003.pdf](http://www.hcomparada.historia.uftj.br/revistahc/artigos/volume001_Num001_artigo003.pdf)>. Acesso em: 04 dez. 2014.
- TOBLER, Christian Henry. **Fighting with the German Longsword**. Highland Village, Texas, USA: The Chivalry Bookshelf, 2004, 231 p.
- TUCKER, Louise (Ed.). **Campanhas sagradas: 1100-1200**. Rio de Janeiro: Abril, 1991. 176 p. (História em revista).
- VALÉRIA, Márcia. **O Método Comparativo em História**. Disponível em: <<http://www.recantodasletras.com.br/resenhas/788780>>. Acesso em: 01 jul. 2014.
- WAGNER, Paul; Hand, Stephen. **Medieval Sword and Shield: The Combat System of Royal Armouries MS I.33**. Union City, California, USA: The Chivalry Bookshelf, 2003, 270 p.

WOLFF, Philippe. **Outono da Idade Média ou Primavera dos Tempos Modernos?** São Paulo, SP: Martins Fontes, 1988, 278 p.